

403

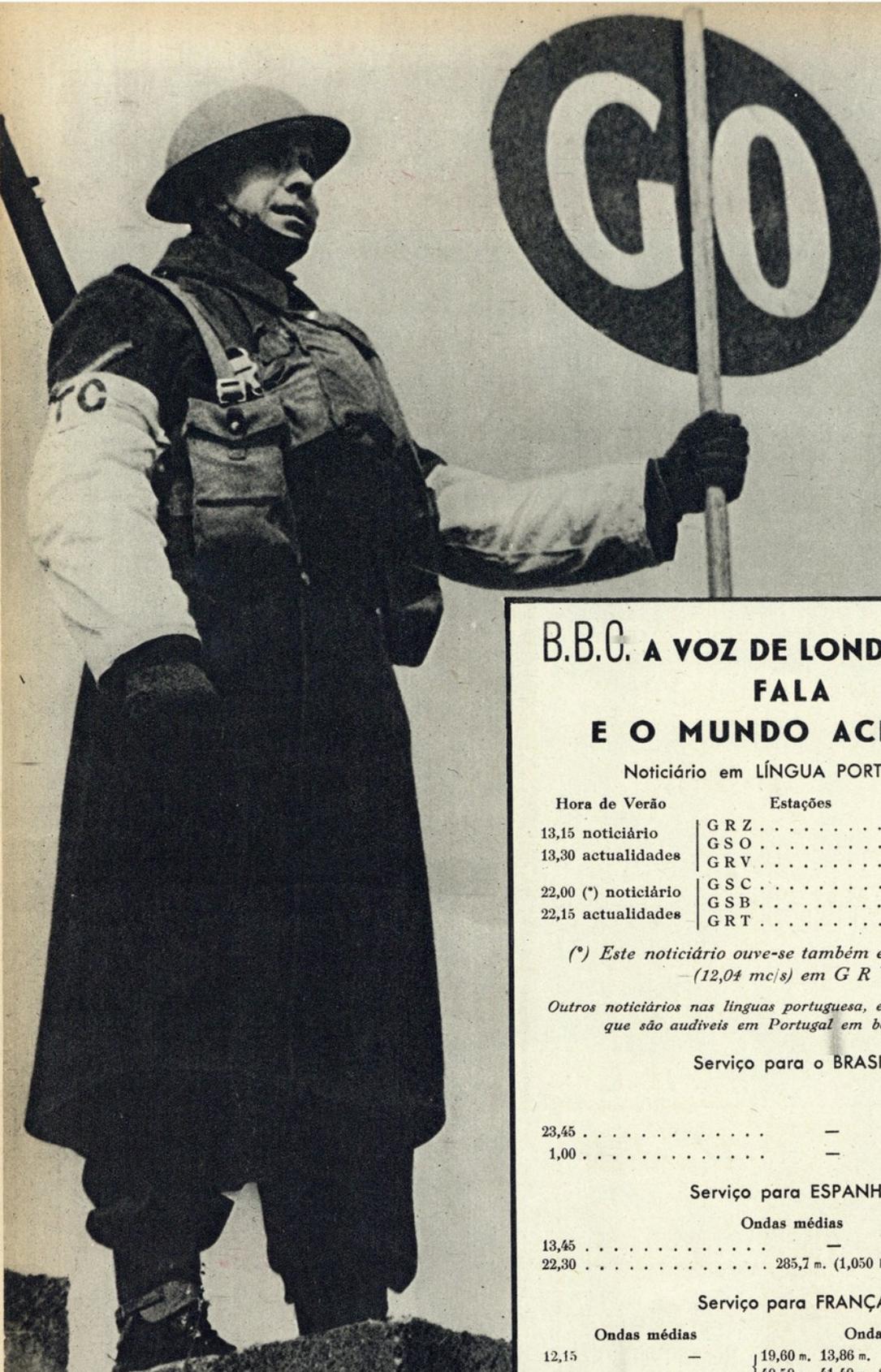
MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL

AGO. 1941



O
Chefe do Estado
acompanhado
pelos votos de
todos os portugueses
visita os
Açores



**B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.
FALA
E O MUNDO ACREDITA**

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Verão	Estações	Ondas curtas
13,15 noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
13,30 actualidades	G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*) noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
22,15 actualidades	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros
(12,04 mc/s) em G R V

Outros noticiários nas linguas portuguesa, espanhola e francesa
que são audíveis em Portugal em boas condições

Serviço para o BRASIL

	Ondas curtas
23,45	— { 25,38 m. (11,82 mc/s)
1,00	— { 30,96 m. (9,69 mc/s)
	— { 31,55 m. (9,51 mc/s)

Serviço para ESPANHA

	Ondas médias	Ondas curtas
13,45	—	19,76 m. (15,18 mc/s)
22,30	285,7 m. (1,050 Kc/s)	31,55 m. (9,51 mc/s)

Serviço para FRANÇA

	Ondas médias	Ondas curtas
12,15	—	{ 19,60 m. 13,86 m.
		{ 49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m.
14,15	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m.
18,15	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 30,96 m. 25,29 m.
20,15	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 31,32 m. 25,29 m. 19,60 m.
22,15 261 m.	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 30,96 m. 24,92 m.
0,45 261 m. 285,7 m.	373,1 m.	

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

O GENERAL AUCHINLECK, biografia

A VIDA DO PRESIDENTE

(fotografias de J. Lobo)

A LUTA ENTRE A GRAN-BRETANHA E O REICH, por Carlos Ferrão

A ISLÂNDIA, VÉRTICE DE UM VASTO ÂNGULO DA GUERRA
QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? Responde Paulino Montez

A MAIS COMPLETA ACTUALIDADE DA GUERRA, em duas páginas

A R. A. F. BOMBARDEIA ROTERDÃO

A VIDA DE CHURCHILL. Como o Primeiro Ministro conta a batalha de Arroyo Blanco

OIRO DO MAR. Um contrato gigantesco

A OCUPAÇÃO DA SÍRIA

FIGURAS E FACTOS

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

BARBARA, novela de Faure da Rosa

REFLEXOS DO MUNDO

CRÓNICA ALEGRE

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CINEMA, de António Lourenço



A mulher inglesa colabora em fôdas as indústrias da guerra. Esta linda rapariga trabalha numa fábrica de munições



Dunhill

O melhor
cigarro Americano



Importadores exclusivos

Roque Pinto, L.^{da}

R. do Amparo, 94-1.º

Lisboa

OS VERDADEIROS

Depósitos para Água

EM FIBROCIMENTO TEM A MARCA

LUSALITE

capacidade de 30 a 1.000 litros

À VENDA EM TODAS AS CIDADES DO PAÍS

Concessionários gerais:

Corporação Mercantil Portuguesa, L.^{da}

RUA DE S. NICOLAU, 123 — LISBOA

A partida de «Golf»

A vida no Céu não é o que muita gente julga. Há, de facto, um socêgo permanente, a vida decorre serena e em maré de rosas, por toda a parte se houve música celestial e, por isso mesmo, é que aquilo se chama Céu. Também há quem lhe chame Paraíso, o que é o mesmo. Céu e Paraíso, dois sinónimos que muito nos preocupam enquanto vivos, que a todo o custo pretendemos ganhar neste vale de lágrimas, mas de que nos esqueçamos facilmente quando tudo nos corre às mil maravilhas. Sei de muitas almas que enquanto andavam cá por este vale de lágrimas encaixotadas no envólucro de carne e osso só cometeram boas acções para ganhar um lugar no céu e, conseguido esse lugar, a maior parte das vezes á custa dos maiores empenhos, quando lá chegam sofrem uma decepção. A vida no céu é serena de mais para essas almas bemfazejas. Comer, dormir, passear na companhia dos anjinhos, ouvir música e disse. Ficam, passado tempo, arrependidas de só terem feito boas acções cá na terra, mas já não há remédio porque, uma vez lá, não se pode sair nem para dar uma voltinha ou fazer um recado. Em resumo: não há senhas de saída.

Algumas tentativas têm sido feitas, no entanto, para modificar a vida no Céu, com alguns passatempos. O nosso portuguesíssimo Santo António que é, como V. Ex.^{as} sabem, um folião de marca, ou ele não fôsse nosso patricio, tem sido dum grande actividade para arranjar divertimentos. Quando é do seu aniversário natalício, faz sempre um arraial e organisa campeonatos de xadrez e excursões ao domingo.

Aqui ha tempos, Santo António foi mais longe e resolveu mandar construir um campo de «golf». Aproveitou a chegada ao Céu dum inglês de primeira qualidade e que em

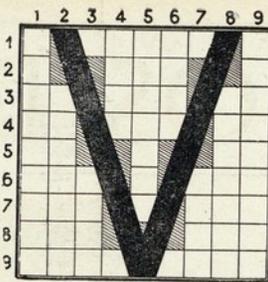
vida tinha sido um grande jogador daquele desporto — que para os ingleses é divertidíssimo mas ao qual eu, embora mal pareça, não acho graça nenhuma — e pediu-lhe para construir o jogo. Como se sabe, o Céu é enorme e como o terreno lá nunca mais acaba e é de graça, o jogo ficou dum tamanho formidável. Só isto: A distância entre os buracos era de 500 metros!

Santo António como foi o da ideia, quiz, ser também o primeiro a jogar. Foi convidar o São João, que disse logo que sim e o São Pedro que se fez rogado, pois aquilo já não era para a sua idade. Mas o Santo António, que tem uma grande lábia, lá conseguiu convencer o São Pedro a tomar parte na partidinha de «golf». O inglês explicou como aquilo era e os três prepararam-se para jogar.

Saiu o Santo Antonio. Uma leve pancadinha na bola e ela aí vai, sem hesitações, cair no primeiro buraco, á distância de quinhentos metros. Espanto geral, até do inglês que foi a primeira que se espantou na sua vida. A seguir jogou o São João. Outra leve pancadinha na bola e o mesmo resultado: direitinha ao buraco que até parecia que levava letreiro. Foi de tal ordem que o inglês admirou-se pela segunda vez na vida. Por último, jogou o São Pedro. Levou mais tempo a fazer a pontaria, porque os anos lhe vão pesando, mas, enfim, a bola também não se atrapalhou e foi cair com uma precisão fantástica no buraco, o que fez com que o inglês se admirasse pela terceira vez na sua existência.

Ao vêr isto, o Santo António chamou os seus dois companheiros de jogo e disse-lhes: — O' rapazes, temos que recomeçar. Mas, vamos jogar isto como deve ser. Não vale estar a empregar milagres no jogo, porque assim não nos divertimos nada.

Marçal Saldanha



PROBLEMA N.º 20

VERTICAIS

- 1 — Relativo à Gran-Bretanha.
- 2 — Descrever.
- 3 — Atreve-se.
- 4 — Gostar muito.
- 5 — Triunfo.
- 6 — Içar.
- 7 — Chefe de algumas tribus muçulmanas.
- 8 — Instrumento formado por tabuinhas moveidças que se agitam para fazer barulho.
- 9 — Relativo a Portugal.

HORIZONTAIS

- 1 — Relativo à Marinha.
- 2 — Numeral cardinal.
- 3 — Caminhar; Liga; Senhor, inglês (abrev.).
- 4 — A ti; Grande porção; Preparação inglesa.
- 5 — O mais; Pron. pessoal.
- 6 — Antonimo de «Sim»; Unidade de trabalho considerado em tôdas as suas formas.
- 7 — Pau-ferro; Malfeito.
- 8 — Cabelos brancos; Erga.
- 9 — Verbal; Raivas.



Solução do problema n.º 19



CREMES
PARA DE DIA
E
PARA DE NOITE



M^oCAMPOS

Academia Científica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866
LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicação por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada
RUA DA PRATA, 237
LISBOA



VIAJE EM PORTUGAL NOS COMBÓIOS DA C. P.

INFORMAÇÕES

EM TODAS AS ESTAÇÕES

EM LISBOA: — NO SERVIÇO DO TRÁFEGO — TELEF. 2 4031

NO PORTO: — NA ESTAÇÃO DE S. BENTO — TELEF. 1 272

REFLEXOS DO MUNDO

A bondade da Rainha

A Rainha Mary quando passava, no seu automóvel, por uma estrada em Inglaterra, viu um jovem mobilizado que se arrastava penosamente ao longo da estrada.

Mandou parar o carro e ofereceu-lhe lugar a seu lado até a aldeia mais próxima que era a de Teddy Knight e onde, este chegou a tempo de almoçar com a família.

Todos ficaram surpreendidos ao vê-lo chegar em tal carro, e ainda mais ao conhecerem a Rainha Mary. Os camaradas de escola, agora quase todos mobilizados como ele, fizeram-lhe uma manifestação que envolveu igualmente a Rainha-Mãe.

— «E'stá ainda muito novo para suportar, sem fadiga, os pesados serviços militares!» disseram-lhe a Rainha. Teddy tem 19 anos e vinha ao lado do motorista.

As palavras da sua real interlocutora, o seu gesto elegante, fortaleceram esse soldado e animaram-no mais que todas as preleções e ordens de dia. — «Fiquei excessivamente nervoso quando Sua Magestade falou comigo — disse. Agora, porém, sinto-me cheio de forças e capaz de lutar pelo meu país até a morte!»

Os imponderáveis de uma acção tão pequena!

Meeting infantil



O espírito das crianças na observação dos grandes acontecimentos que resolvem a história e mudam o

curso aos acontecimentos, manifesta-se frequentemente nas mais pequeninas coisas e com uma naturalidade que os pensadores e ensaístas não têm, quando comentam os mesmos acontecimentos — quantas vezes com menos espírito, profundidade e sentido de humor!

Num bairro de Londres, dois catraios lutavam, a sério, em combate de vida ou de morte, como dois galos. Engalfinhavam-se, conhecendo triunfos e revezes e varrendo o chão, agora um, depois outro.

A luta parece deixar adivinhar a vitória de Henry Slingsby — um dos feroces e pequenos lutadores. Socca valentemente o adversário que começa a dar mostras de fraqueza.

O colega John assiste imparcialmente ao desenrolar dos acontecimentos, sem intervir. Ao ver desenharem-se, porém, o triunfo de Henry tem êste desabafo, de mãos nos bolsos, e absolutamente calmo:

— «Embora eu nada tenha que ver com o vosso credo político, desejaria, Henry, que lhe desses até o deixares depenado.

Resposta desconcertante

Numa das revistas passadas à «Home Guards» por uma alta patente do Exército, e quando esta se entretinha aqui e ali com alguns elementos, encontrou um soldado completamente imberbe, com ar de mocidade, quasi uma criança.

Quiz saber como se encontrava na «Home Guards», entre veteranos, quem lhes poderia, quasi, servir de mascotte?

Dirigiu-se-lhe familiarmente, e perguntou-lhe:

— Tem o aspecto de muito novo. Já prestou serviço em qualquer outra parte?

— Já sim, meu general.

— Onde?

— No café Universal.

As Dione na guerra



As cinco irmãs Dione são das pessoas mais célebres do mundo, desde que vieram ao mundo, há cinco ou seis anos. O Canadá conserva-as

como uma das suas glórias, como um dos seus museus também: museu de fecundidade, da graça, da perenidade da gente canadiana.

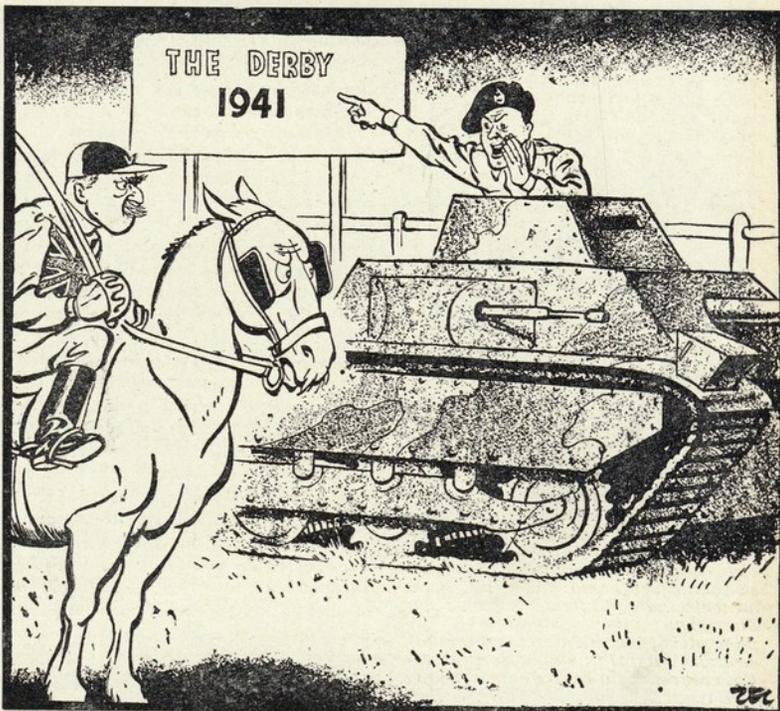
As cinco gémeas foram agora eleitas membros honorários da Esquadra Canadiana.

Logo depois, a Liga da Esquadra Canadiana apresentou-as vestidas com a farda branca de marinheiro.

Não é só com armas que se ganham as guerras, mas também e sobretudo com força de humanidade. Neste sentido as irmãs Dione são um símbolo: símbolo da vitória de uma raça que tem no coração humano uma das suas grandes forças.

Ironia de escoceses

Não há anedota de amor ou de economia que não se lance para cima dos ombros dos escoceses. Nem agora que há tanto assun-



— Eh! Isto não é 1914, é 1941!

to, e mais importante, os deixam descaçados

Dizem que três irmãos viviam na mesma casa em Mimburgo. Um deles foi mobilizado logo que rebentou a guerra. Há dias, teve a sua primeira licença, entre duas missões do navio de guerra onde é oficial.

Na estação a esperá-lo tinha dois homens de barba comprida e mal tratada que dificilmente reconheceu como seus irmãos. Causou-lhe estranheza vê-los com as barbas florestais. O mais velho explicou-lhe:

— «Não te lembras que levaste contigo a navalha de barba?..»

Quem começou a guerra

Outra de revistas militares. E' já da outra guerra, daquela guerra morta já porque a história a registou e arquivou.

O Marechal Sir Douglas Haig passava as revistas quasi sempre silencioso, raro se dirigindo aos soldados. O temperamento reservado não se coadunava muito bem a conservas de improviso.

O seu chefe de Estado Maior

fez-lhe notar certo dia que de vez em quando seria bom falar com um ou outro soldado, que isso lhes causa a grande prazer.

Na primeira revista a seguir, em França, dirigiu-se a um escocês, muito intimidado pela presença do generalíssimo.

— Ouve lá, meu rapaz, estás contente por servir o teu país?

— Sim, meu general.

— Onde começaste tu a guerra?

— Mas... não fui eu quem começou a guerra. Foi o Kaiser.

Desportista feliz



Esta vem da América. Só lá é que se sai realmente sorte grande de vez em quando.

O jogador de futebol Kelly, casou com uma linda «Miss» de nome Brenda Frazer.

Até aqui nada de novo. Mas, essa «Miss» é da melhor sociedade novaiorquina e ele era profissional do desporto, quer dizer, não contava o dinheiro aos montes. A melhor sociedade da grande metrópole e a sociedade do dinheiro e a noiva trouxe-lhe o dote de 900 mil libras.

Digam lá que não vale a pena ser desportista quando se consegue meter um «goal» destes?!

Exigência impossível



Rauldolph Smith, soldado que no civil era pintor, veio a sair do Quartel todo aprumado e com a farda perfeitamente cuidada.

O sargento de guarda é, porém, muito cumpridor. Antes da guerra já ele era cabo e foi promovido alguns meses depois do começo das hostilidades.

Vê-o a sair. Chama-o. — Ouça lá. Onde vai? — Vou ver minha tia que me pediu para lá ir hoje, no dia dos seus anos.

— E a licença?

Tenho licença verbal do capitão.

— Mostre-ma.

CASA QUEY

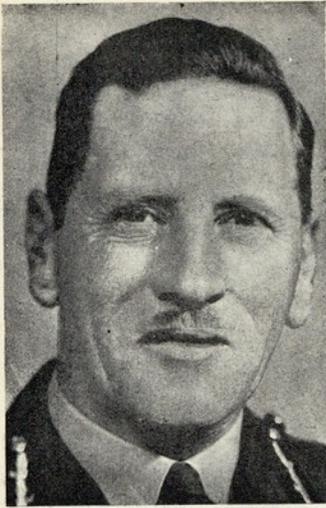
Antigo «ÁS» DAS MEIAS

Especialidade de meias

MAISON FRANÇAISE

R. SERPA PINTO, 16 — (CAVE)

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO



GENERAL AUCHINLECK

A permuta recente de comandos nas forças imperiais britânicas foi um acontecimento de grande significação militar e político. O general Archibald Wavell, que durante mais dum ano comandou superiormente as forças britânicas do Próximo Oriente, passou a comandar as tropas imperiais concentradas na Índia; para o substituir, o governo inglês escolheu o seu camarada Sir Claude Auchinleck, que já tomou conta do seu novo cargo.

O general Wavell adquirira reputação mundial pela sua acção como organisador e como cabo de guerra dos mais ilustres do nosso tempo. O Primeiro Ministro da Gran-Bretanha, que seguiu a carreira militar e é uma das personalidades que conhece profundamente os problemas da alta estratégia, ajrmou, num dos seus discursos, que a campanha da Líbia ficará como uma obra prima nas páginas da história militar do actual conflito.

Colaborador e discípulo de Allenby pode dizer-se que, depois deste chefe prestigioso, ninguém como Wavell se tornou credor do reconhecimento unânime do Império britânico.

O nome do seu sucessor, desconhecido até há pouco do grande público, é sobejamente conhecido e apreciado nos meios militares do seu país e do estrangeiro. O general Sir Claude Auchinleck tem actualmente cinquenta e seis anos. Serviu no exército colonial, em cujas fileiras ingressou com vinte anos, servindo como oficial no regimento de Punjab. A sua carreira foi feita, em grande parte, fora da metrópole.

Durante a Grande Guerra distinguiu-se em todas as comissões de serviço que lhe foram confiadas, tendo sido condecorado com as mais altas distinções honoríficas.

De 1933 a 1935 serviu na campanha da Mohmand confirmando os seus excelentes créditos. Foi ele que dirigiu superiormente as operações de reembarque dos contingentes britânicos em Narvick, prestando serviços excepcionais. Sir Claude Auchinleck é igualmente apreciado pela sua ponderação e por vigorosas iniciativas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A Inglaterra e a U. R. S. S.

A Inglaterra e a U. R. S. S. celebraram um acôrdo político e militar que, pelas duas partes contrantes, é considerado uma verdadeira aliança. Trata-se de um acontecimento cuja importância é evidente e cujas repercussões podem ser sensíveis. De qualquer maneira a aliança anglo-russa marcou o início de uma nova fase no decurso do actual conflito.

Usando da palavra, no próprio dia 22 de junho, em que os exércitos alemães penetraram em território russo, o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha declarou que à U. R. S. S. seria prestado todo o auxílio que estivesse ao alcance do seu país. Depois disso, seguiu para Moscovo a missão militar britânica chefiada pelo general Macnare e esteve em Londres a missão militar soviética que tinha à sua frente o sub-chefe do Estado Maior, general Golikov. Na capital russa entabularam-se activas negociações diplomáticas em que participaram o embaixador da Gran-Bretanha, Sir Stafford Cripps, e o comissário do povo para os negócios estrangeiros, Viacheslav Molotov.

Dois conferências demoradas entre o diplomata inglês e Staline levaram à conclusão do acôrdo que foi imediatamente assinado e não prevê qualquer ratificação. Na Câmara dos Comuns, o secretário de Estado para os negócios estrangeiros, Anthony Eden, e Winston Churchill referiram-se demoradamente às negociações e ao seu resultado procurando caracterizar o verdadeiro significado do acôrdo concluído.

Sob o ponto de vista da acção militar, o acôrdo anglo-russo estabelece o princípio duma estreita colaboração das forças armadas dos dois países e a prestação recíproca de auxílio em matéria de fornecimentos de material de guerra. Sob o ponto de vista político, a Gran-Bretanha e a U. R. S. S., envolvidas no mesmo conflito, assumiram o compromisso formal de não fazer qualquer armistício ou paz separada. O objectivo da aliança aparece definido numa das suas cláusulas: combater a Alemanha hitleriana. As declarações feitas nas duas capitais interessadas ressaltam a nação alemã, acentuando que não é contra ela que os seus esforços se conjugam, mas contra o seu actual regime.

As relações entre a Rússia e a Gran-Bretanha têm sofrido no decurso deste século, várias alternativas. No tempo do Czar a guerra esteve para estalar entre os dois países por causa do incidente de Dogger Bank; no tempo dos soviéticos deu-se o mesmo quando, sob o governo Lloyd George, os ingleses prestaram um auxílio decisivo aos russos brancos de Wrangel e Denikine que combatiam o regime soviético. Russos e ingleses foram aliados durante a última conflagração; quando a actual conflagração se iniciou tinham partido, pouco antes de Moscovo os oficiais da missão militar britânica encarregada de concluir uma convenção com os soviéticos.

Nos seus discursos de 22 de Junho e de 15 de Julho, o Primeiro Ministro declarou que a colaboração militar e política do seu país com a U. R. S. S. não implica qualquer transigência ou abdicção dos seus conhecidos pontos de vista em relação ao regime comunista. O interesse nacional e as suas exigências imperativas sobrepõem-se, na concepção de Winston Churchill, às divergências ideológicas que separam há mais de vinte anos os dois países. A sua coerência e a sua intransigência a êsse respeito são documentados por uma larga obra de doutrinação e de combate.

Especialmente no periodo que decorreu entre 1920 e 1925, data em que foi pela última vez ministro, a acção de Wiston Churchill foi a dum adversário intransigente das doutrinas comunistas e dos seus chefes mais representativos.

O OBSERVADOR

A chegada aos Açores

Chegou aos Açores o Chefe do Estado, que foi recebido com vibrantes aclamações, num triunfo em que não é demais ver reflectida a imagem sagrada da Nação. Por toda a parte, nas ilhas em flôr, o venerando Presidente da República tem encontrado o mais acrisolado carinho. Parcelas do Império, há nelas como que numa chama ardente e inextinguível, o culto da Pátria. Portugal está ligado ao lindo arquipélago por laços de sangue. Descobriu-o no meio das brumas do Atlântico e para lá mandou muitos dos seus barões e cavaleiros, que o arrostearam num esforço que sucessivas gerações têm enraizado, na terra e na história comum, duma maneira indestrutível.

A Inglaterra, nossa velha aliada, e os Estados Unidos, com uma nobreza sem exemplo, declararam que era, com o maior interesse, que viam Portugal defender o seu património do Atlântico. As afirmações de Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros de Gran-Bretanha, e as de de Cordell Hull, feitas, recentemente, são insofismáveis.

A letra «V»



A letra «V», símbolo da vitória, como disse Churchill, invadiu o continente. Victory, assim se chamava o navio em que Nelson ganhou a célebre batalha de Trafalgar, que deu à Inglaterra o domínio dos mares e tornou o seu território inviolável. De facto, há na geometria dessa letra, que pertence a duas palavras igualmente belas e varonis — vida e vitória — qualquer coisa de decisivo, de triunfal. O símbolo converteu-se numa scie obsessiva. Passam constantemente em formação V os aviões da R. A. F. sobre a Alemanha. Transmite-o a rádio, em Morse. Surge nos sítios mais imprevisíveis. O vértice da maiúscula grava-se por toda a parte. Não é possível confundir-lo.

Lançado pela primeira vez pelo célebre e misterioso major Britton, na B. B. C., essa inicial penetra como uma cunha de aço em todos os países da Europa que sofreram a guerra. E só uma letra, mas dela depende o Mundo!

«Mundo Gráfico»
Em virtude do desenvolvimento da nossa revista, que tão largo acolhimento tem encontrado no público, os serviços de redacção e administração do «Mundo Gráfico» estão agora instalados na rua das Gáveas, 6, 2.º, à praça de Camões.

Correspondemos, assim, ao interesse que os nossos leitores nos têm dispensado com inequívocas provas de simpatia. Por nossa parte, temos procurado sempre melhorar o «Mundo Gráfico» sob todos os aspectos.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOS

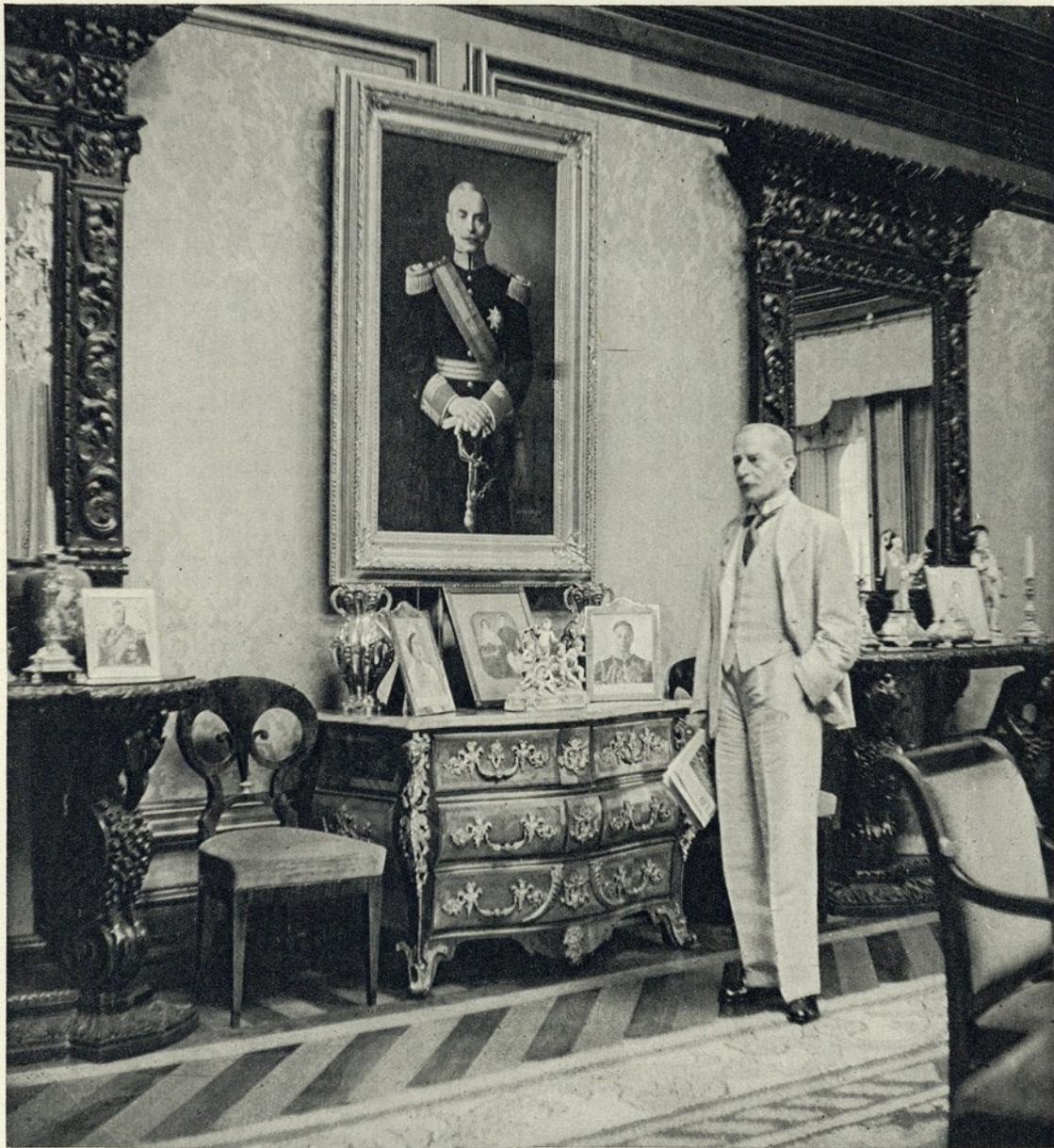
Propriedade de «Mundo Gráfico», L.ª

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa
COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O CHEFE DO ESTADO, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DA CIDADELA DE CASCAIS

A VIDA DO PRESIDENTE

(Reportagem fotográfica especial para o «MUNDO GRÁFICO»)

FOI a velha cidadela de Cascais, braço de glória militar, com as suas robustas muralhas, cujos fundamentos se cavam no mar, as suas altas abóbadas, onde há sempre uma pedra de armas e os seus cubelos que olham o horizonte infinito, que o Chefe do Estado elegeu para sua residência particular. A todos os palácios presidenciais prefere aquêlê rústico baluarte sôbre o Atlântico. Belém, com as suas sumptuosidades decorativas de magnificência é para as recepções diplomáticas e para um ou outro acontecimento mais transcendente da vida nacional. Sintra, com os seus jardins de Klingsor e o seu castelo romântico, para um passeio mais longo, numa tarde mais quente de verão, mas nunca para uma estadia.

Dir-se-ia que o Chefe do Estado, na vetusta fortaleza de Cascais, como que encontra o seu ambiente militar. O cinto de muralhas, o passeio de ronda, os parapeitos de rocha evocam tôda a sua existência dura e disciplinada de oficial. Aquela mole de granito, ásperamente talhada pelo homem, simboliza, afinal, as virtudes de dignidade e de austeridade do seu carácter exemplar.

De resto, o mar é o seu melhor clima físico e espiritual. Portugal está ali. Fala-lhe pela voz do Oceano. Emmoldura-lhe de azul as rasgadas vigias do terraço, inspira-o até no velho sonho de epopeia luziada, que hoje revive na projecção dum grande Império.



A hora da leitura



Uns minutos de repouso

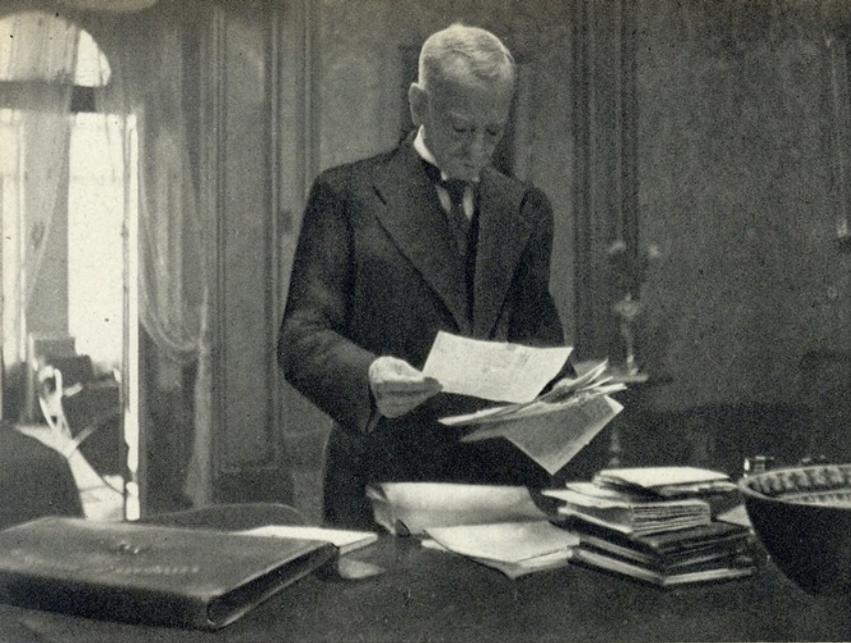
Fica ali bem naquele cenário maravilhoso, cujo primeiro plano é o castro abrupto, a farda constelada dum general, cujo único pensamento é — *Servir*.

A Cidadela, assim, tanto pode ser a ponte de comando dum navio como o reduto dum castelo. Lá dentro, entre os baluartes tismados pelo sol, ergue-se o palácio, uma casa simples, acolhedora, "domus quieta", dum protocolo cingido às circunstâncias, onde palpita um doce ambiente familiar. Há corredores de silêncio, salões decorados de móveis de arte, retratos de chefes de estado, motivos de beleza regional e recordações dos grandes roteiros do Império, onde o Presidente fez agora mais uma escala na sua triunfal viagem ao arquipélago dos Açores. Ali, o Chefe do Estado quer ser, com tôda a simplicidade, o general Carmona sem, no entanto, excluir qualquer dos pezados deveres da suprema magistratura da Nação.

Mas é mais êle, na sua intimidade afável e benévola, aureolado de humana simpatia, em que o trato pessoal enleva



O sr. Presidente da República numa das suas bibliotecas



O *Chefe do Estado*, no seu gabinete de trabalho, abre as cartas que diariamente recebe de todos os pontos do Império



O *Sr. General Carmona*, com sua irmã, na esplanada da cidadela



Folheando o *Album das suas viagens ao Império*

num respeito e numa admiração, onde não há uma sombra, uma aresta.

— O sr. Presidente está?

E' uma mulher do povo, um antigo veterano da guerra, ou um postulante que veio de longe — e as portas do palácio abrem-se, naturalmente, sem reservas, nem longas esperas nas ante-câmaras abandonadas.

O *Chefe do Estado* tem o seu dia rigorosamente marcado. Logo que sai dos aposentos particulares dirige-se ao seu escritório, uma dependência sóbria, de móveis severos, enquadra de longos reposteiros, onde há um silêncio fundo, hermético. Nunca se senta. Gosta de trabalhar de pé — pormenor que revela a sua idiosincrazia militar, habituada a manobrar homens ou a ditar ordens. Sobre a mēsa um montão de correspondência. Centenas de cartas de todos os pontos do país, do império, do estrangeiro ou das nossas longínquas colónias populacionais da América. Livros, jornais, oferendas ingénuas — Portugal inteiro na sua verdadeira fisionomia está ali sob as suas mãos a um tempo firmes e carinhosas. Abre primeiro a correspondência que veio de mais longe, por vezes, do outro extremo do mundo e que, pela distância percorrida e pelo tempo que levou a chegar, tem a primazia na resposta. Lê, depois, minuciosamente os jornais, no seu canto favorito, num grande salão, onde está o retrato de seu avô, militar como o neto e cujas linhas marciais recordam a sua esbelta e varonil mocidade.

Um telefone retine, sempre à mesma hora, um telefone diferente de todos os outros, que o *Presidente* atende, pessoalmente. E' o *Chefe do Governo*. A "ligação," é perfeita duma nitidez admirável. Depois do almoço, o *Presidente*, quando não tem qualquer acto de Estado, ocupa-se dos seus livros. A leitura é a sua paixão. Raro é o dia que uma das ordenanças com uma nota do seu punho, não vem a Lisboa comprar as últimas novidades literárias, das quais muitas, de resto, lhe são oferecidas. Preferências: estudos históricos, obras de carácter científico, e também memórias de grandes vultos.

Possue três bibliotecas, cada uma do seu género, que elle próprio cataloga. As tardes libertas de cerimónias oficiais são dedicadas a audiências.

O *Presidente* passa quasi tôdas as noites no ambiente familiar. A' sua volta, reünem-se todos, em serões patriarcaes numa página risonha aguarelada pela ternura dum *Júlio Deniz*.

Como poucos, cultiva a arte de ser avô e um avô indulgente com quem os netos, brincando, aprendem a arte de ser homens, de ser portugueses.

Um pouco de telefonia sobre o mundo. Músicas do folclore regional, sobretudo, as da sua provincia — *Trás-os-Montes*. A esposa do *Presidente* sorri. Com suas filhas, toda a noite trabalhou para os pobres, numa obra em que o seu coração e a sua generosidade não cansam e que tão exemplarmente cumpre com uma modéstia que é uma lição.



UM DOS PODEROSOS BOMBARDEIROS NOCTURNOS «WHITLEY», QUE A R. A. F. EMPREGA NOS SEUS BOMBARDEAMENTOS SOBRE A FRENTE OCIDENTAL DA ALEMANHA, QUE TRANSPORTA ESTA COLOSSAL BOMBA DE MIL QUILOS DUM TERRÍVEL POTENCIAL DE FOGO



SENTINELA, ALERTA! A INGLATERRA GUARDA TODOS OS MARES

A GUERRA AÉREA

A luta entre a Gran-Bretanha e o Reich entrou agora numa nova fase

AS declarações recentes do Primeiro Ministro da Gran-Bretanha e do administrador da lei de empréstimo e arrendamento, Harry Hopkins, quando da sua recente viagem a Londres, dão idéia da importância e dos objectivos finais do esforço que, no tocante a equipamento militar, inglês e americano, estão desenvolvendo.

A indústria britânica está, praticamente, mobilizada desde que, há aproximadamente um ano, se constituiu, com a participação dos trabalhistas, o gabinete da união nacional presidido por Winston Churchill. Nos Estados Unidos, a mobilização da máquina industrial tem sido mais lenta. Mas é indubitável que, em matéria de construção, o seu potencial pode influir decisivamente no curso da guerra. Assim se explica que a diplomacia do Reich tenha procurado evitar todos os atritos com a Casa Branca. Na concorrência dos armamentos, os recursos naturais, a extensão da mão de obra, o valor da direcção técnica e a competência do operário especializado são factores que assinalam a superioridade

norte-americana. Esse aspecto do problema nunca foi dissimulado em Berlim.

A ocupação da Islândia e a decisão que o Governo americano tomou de fazer escoltar pelas unidades da sua marinha de guerra os comboios de transportes até aquela ilha, resolveram, numa parte apreciável, as dificuldades com que a Gran-Bretanha até agora tem lutado. Essa decisão coincide com o aumento do ritmo de produção nos dois países e com a acção crescente da R. A. F. sobre as vastas áreas industrializadas do Reich e sobre os portos da zona francesa ocupada.

A conjugação destes três factores — aumento de produção, segurança de transporte e desorganização da máquina de produção do inimigo — não pode deixar de modificar as condições em que a luta se vem desenrolando. Os Estados Unidos e a Gran-Bretanha preocupam-se, neste momento, fundamentalmente, com a fabricação em larga escala de engenhos motorizados e de aviões de toda a espécie. O alargamento inesperado do teatro das hostilidades justifica sobejamente essa preocupação.

No seu último discurso, o Primeiro Ministro declarou que o seu país igualou, em número, as forças aéreas do Reich.

A Gran-Bretanha e o seu Império têm melhorado incessantemente a qualidade dos seus aparelhos e o adestramento dos seus pilotos melhorou também. Em Setembro, Outubro e Novembro os "Spitfire,, e "Hurricanes,, provaram o seu valor em competição com os "Messerschmitt,, e "Heinkel,,. A batalha decidiu-se a favor da Gran-Bretanha. Os bombardeamentos diurnos e os ataques aos centros fabris, estaleiros, docas e entroncamentos ferroviários praticamente cessaram. O ritmo da produção estabilizou-se e, a seguir, marcou um progresso sensível.

Os ingleses viram-se, então, na necessidade de resolver o problema dos bombardeamentos nocturnos. Os aperfeiçoamentos introduzidos em certas categorias de aparelhos, especialmente os "Bristol Beau,, e os "Douglas Havoe", os treinos de adaptação para certas categorias de pessoal e a descoberta de radiolocalizador

(Continua na pág. 29)



UM GIGANTESCO HIDRO DO COMANDO COSTEIRO



Na Islândia. Um soldado inglês observa um "geyser", cujo fumo parece rebentar de uma granada



Um soldado canadiano a bordo de um transporte de tropas, vê pela primeira vez a famosa ilha do gelo



Inglêses e canadianos e, agora, fuzileiros da marinha americana, guardam a Islândia



As costas estão poderosamente defendidas com peças de grosso calibre, assentes sobre plataformas de cimento que vão ser camufladas

A ISLÂNDIA, VÉRTICE DUM VASTO ÂNGULO DA GUERRA

A Islândia, talvez mais pròpriamente chamada Terra do Gêlo, quasi não é conhecida senão pela diversidade de duração dos seus dias e noites, pois o dia mais pequeno tem ali apenas três horas, ao passo que, no verão, não tem noite mas apenas um crepúsculo, que dura três a cinco horas. Na costa setentrional, ora reina um dia contínuo, ora uma noite prolongada. As auroras boreais são freqüentes no inverno e produzem surpreendente efeito, reflectidas pelos imensos lençóis de neve que cobrem o solo.

Situada no extremo Norte da Europa, no Oceano Glacial Ártico, a cerca de 950 quilómetros das costas da Noruega, 1.900 de Copenhague e uns 1.100 das Terras do Labrador, está, portanto, dentro da zona do bloqueio das potências do «eixo». E, por isso, não constituiu motivo de impressionante surpresa a notícia, espalhada pelo Mundo, em 7 de Julho corrente, de que o Presidente Roosevelt, após um acôrdo firmado com o primeiro ministro daquele país, tivesse para lá enviado grandes contingentes de tropas americanas, a reunir-se aos 50.000 homens que a Inglaterra já ali tinha desde princípios de 1940, a fim de, com elas, estabelecer uma sólida "guarda avançada", de protecção do hemisfério Ocidental naquela importante zona marítima.

Com uma superfície total de 102.471 quilómetros quadrados, a Islândia tem as suas costas cortadas por uma infinidade de golfos, abundando os rios no interior da ilha.

Tem a Islândia excelentes condições para, nas suas costas e nos seus golfos, se estabelecerem importantes bases navais. Mas, acima de tudo, as suas enormes planícies propoconam-lhe as possibilidades de ser uma das mais eficientes bases de aviação, constituindo-se ali o vértice dum vastíssimo ângulo da guerra. Todos os grandes «ases» da aviação mundial assim o têm sentido, de há largos anos, cuidando repetidas vezes, de ir deixar o seu cartão de visita naquela ilha, que parece haver sido criada para ser a maior estação aérea entre a Europa e a América. Assim, a América, ao mandar agora para ali as suas tropas visou, principalmente, o objectivo de primacial importância que é o de garantir a entrega dos seus fornecimentos à Gran-Bretanha, de dia para dia mais avultados, tanto em material bélico como em abastecimentos alimentares.

A história da Islândia teve início no século IX, com as primeiras emigrações de noruegueses aristocratas, que, descontentes com o despotismo do seu soberano, Harald-Haarfarger, deixavam, por essa época, a Noruega e se fizeram de vela

para aquela ilha, levando em sua companhia os escravos e os homens livres que tinham ao seu serviço. Dividiram então o território em diversos domínios e tornaram-se, tanto no temporal como no espiritual, os soberanos da ilha, que souberam fazer prosperar. No ano 972, foi ali introduzido o cristianismo e, em 1262, a Noruega, ciosa da sua grande prosperidade, após repetidas tentativas, conseguiu apossar-se daquele novo país, que, no meado do século XV, foi anexado à Dinamarca, em resultado duma convenção assinada em Calmar (Suécia). Estava, porém, já em absoluta decadência e só conseguiu recuperar, pouco a pouco, uma grande parte da sua grandeza, sem, todavia, voltar a atingir a que perdera quando da sua anexação à Noruega.

A literatura islandesa é valiosíssima, tornando-se curioso registar que os grandes escritores nunca se deixaram influenciar pela difusão da língua latina e em todos os seus trabalhos mantiveram, firmemente, através dos tempos, a pureza do idioma da sua pátria.

Em resultado dos termos da convenção Inter-aliada de 1918 a Dinamarca deixa, no próximo ano de 1943, de exercer soberania sobre a Islândia, que, nessa época, automaticamente, readquirirá a sua plena independência.



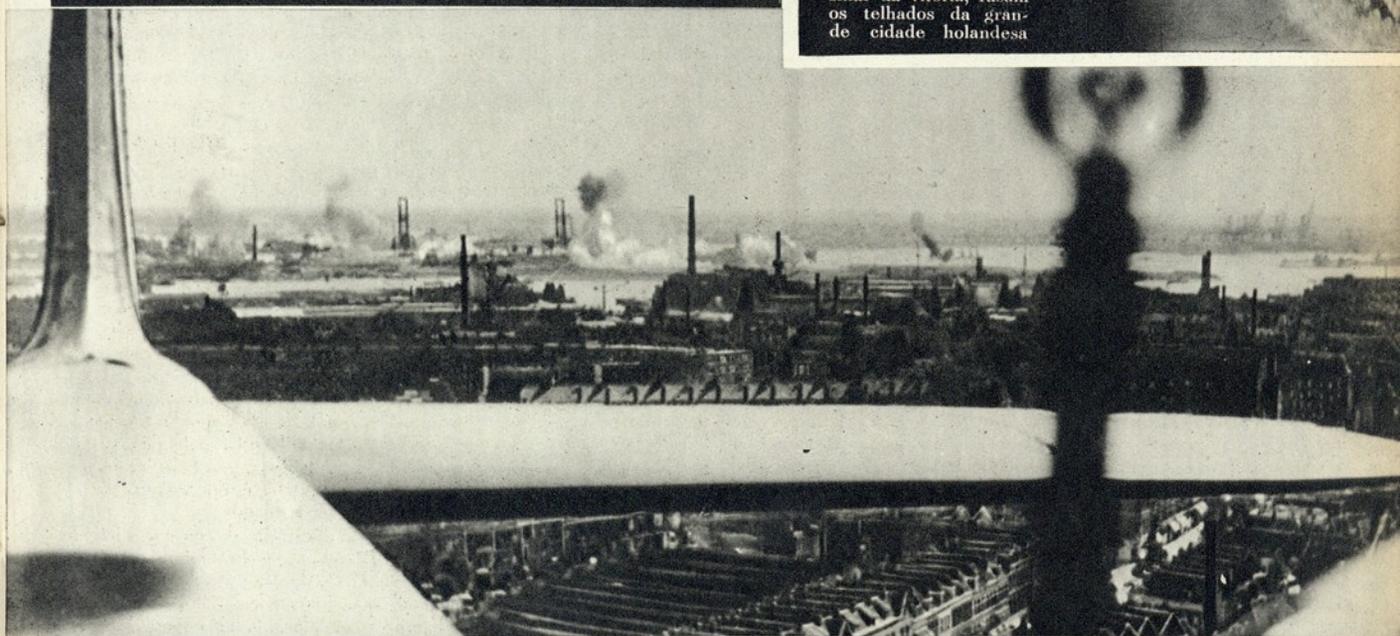
Quatro documentos sensacionais. A R. A. F. bombardeia Roterdão, onde destruiu desassete navios, entre os quais o famoso paquete "Baloeran", além de outros, que avariou



A R. A. F. fotografa os seus bombardeamentos de Roterdão a cinquenta metros do solo, num raid tão eficaz como audacioso



Os bombardeiros ingleses, em formação "V", sinal da vitória, rasam os telhados da grande cidade holandesa



Outro efeito do terrível bombardeamento de Roterdão. As docas, os estaleiros e os navios são destruídos. Durante horas os objectivos militares da cidade foram flagelados pelos projecteis de grande poder explosivo lançados pelos aparelhos britânicos com extraordinária precisão

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde *Paulino Montez*

Paulino Montez é um apaixonado pela beleza sensível e delicada de Lisboa, daqueles pequenos pormenores que passam despercebidos e que dariam uma aguarela, se ele ainda cultivasse esse género, que tão bem se casa com a nossa luz, e de que foi um tão grande artista. Como architecto, o seu espirito inclina-se para as grandes massas de construções, delineadas com harmonia e de arrojada perspectiva, de que o Terreiro do Paço é um dos raros exemplos.

Eis a sua resposta.

Se Lisboa, através da sua castigada evolução, se tivesse modelado expressivamente, na exaltação constante das colinas em que se ergue, do rio maravilhoso em que se espelha, do destino universal que a fez cabeça dum grande império — seria hoje uma cidade única, à superfície do globo.

Os homens, ingratos para com a Natureza que tão generosamente a dotara, não souberam fazer dela, ao menos, a "Rainha do Ocidente", ante-vista pelos antigos.

Tal como se nos mostra, tantas vezes descuidada, exige do espectador amigo, o sonho que lhe falta. Daí a discordância maior, na escolha dos belos sítios da cidade.

Tôda a poesia das coisas — disse um filósofo — está nos cérebros humanos. Mas certo é variarem as emoções estéticas, não apenas ao sabor do temperamento, da idade, do sexo, da cultura do indivíduo, mas também em função dos factores de harmonia que intervêm nas próprias causas que provocam as emoções,



Como um artista estrangeiro viu o Alto de Santa Catarina. Uma manhã de sol, enquanto ao longe, num velário de névoa, a cidade acorda



O velho Tejo, que Camões cantou, berço das descobertas e rota do Império, num lindo crepúsculo de oiro e ametista

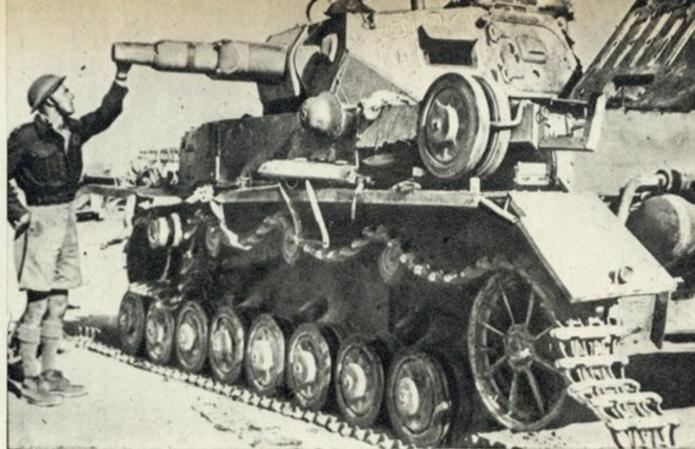
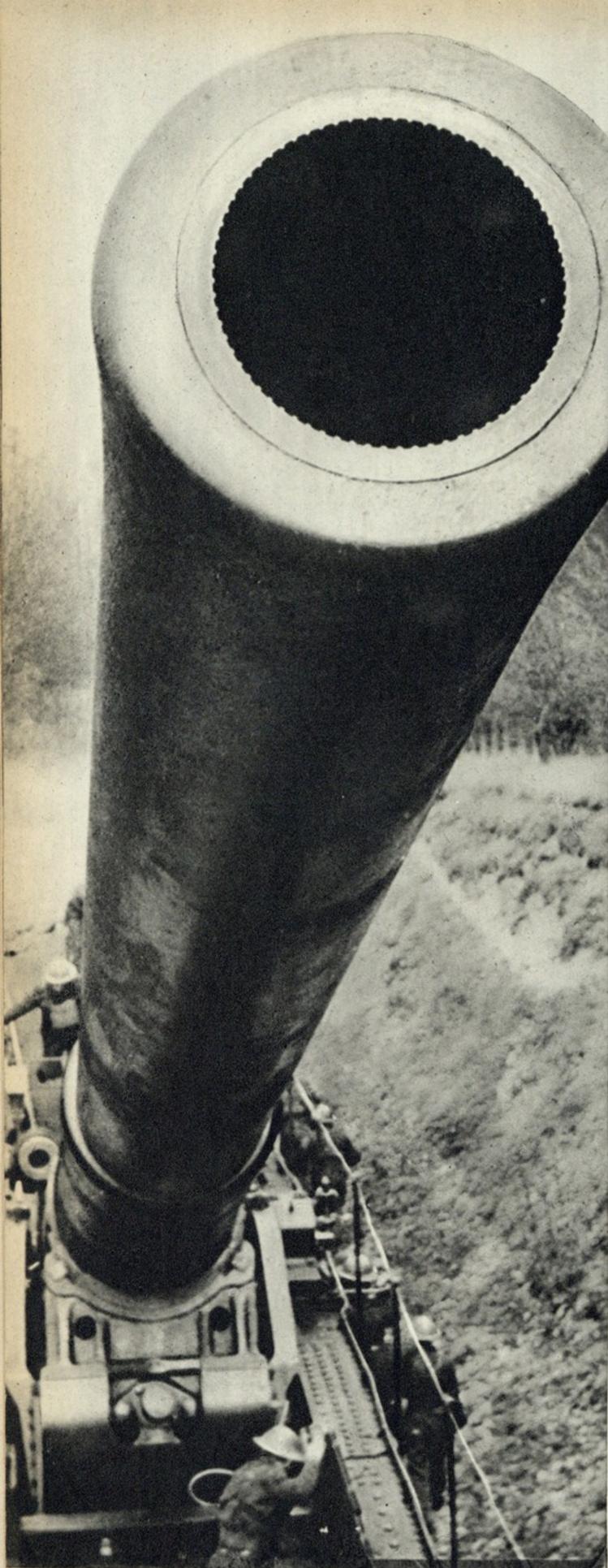
explicando-se, assim, em grande parte, os acórdos universais de simpatias, ante determinadas obras da Arte ou da Natureza.

Ora, em Lisboa — onde, apesar-de tudo, se encontram tantas fontes de encanto espiritual — só um quadro queremos apontar, por melhor poder resistir à admiração dos mais exigentes, desde que libertos de evocações, de sentimentalismos, de aspirações creadoras de arte.

Esse quadro, supomos que não se pinta nem se descreve. Desça o espectador, em quieto dia de outono, até à praça magnífica que o sonho de Pombal e o génio dos artistas seus colaboradores nos legaram. Escolha a luz vibrante das manhãs, ou o oiro cobreado dos poentes. E quando o azul do céu se rasgar de largas pinceladas, e o esmalte líquido do estuário se desdobrar em cambiantes que só o esvoaçar feérico das gaviotas e os perfis reluzentes das embarcações interceptem — olhe, num relance, o conjunto que o envolve, e considere, depois, se não será aquele o mais característico e o mais belo sítio de Lisboa.



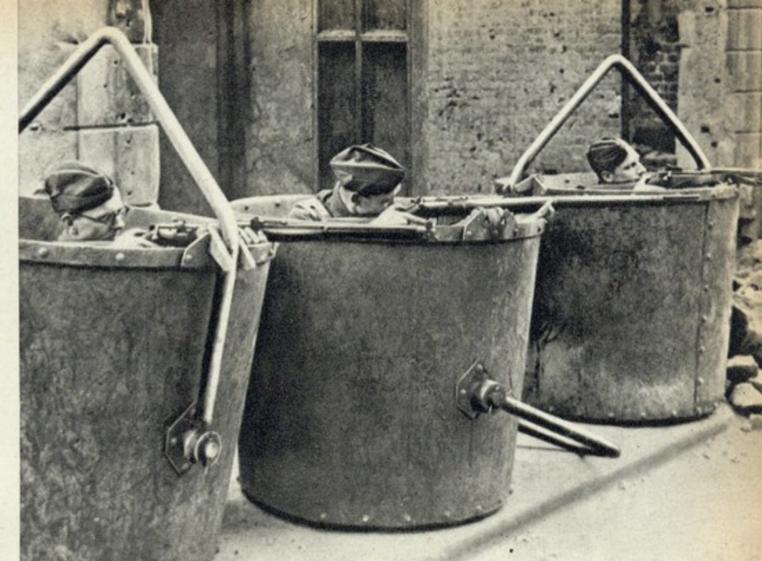
A R. A. F. prossegue a sua esmagadora ofensiva sôbre a Alemanha e as zonas ocupadas. Poderosos bombardeiros de longo raio de acção lançam, diãriamente, centenas de toneladas de bombas de grande potência sôbre os centros industriais e pontos estratégicos do inimigo. E' a conquista da soberania aérea no céu da Europa. A gravura mostra o pôsto de pilotagem de um «Whitley». O primeiro piloto ocupa o lugar de comando. A seu lado, o segundo piloto vigia tôdas as manobras



Um "tank,, alemão apreendido pelos ingleses no deserto da Libia, numa das suas fulgurantes ofensivas



Toda a fronteira ocidental do Egipto está profundamente fortificada. Estas defesas anti-carro têm o pitoresco nome de "dentes de dragão..



A "Home Guards,, o grande exército territorial da Inglaterra, improvisa uma barricada no centro vital de uma povoação, e faz fogo sobre o "inimigo,,

O PODER DA INGLATERRA



Para o Exército inglês não há dificuldades. Um regimento de Norfolk, durante um exercicio tactico de grande envergadura, atravessa um rio com as suas armas e o equipamento completo



O duque de Aosta, chefe supremo das forças italianas da Abissínia, é aprisionado pelos ingleses, nas montanhas de Amba Alagi



Soldados do exército Imperial numa das cavernas de Amba-Alagi, onde o Duque de Aosta eomandou as suas tropas até a rendição

A "cratera,, de um dos canhões de grosso calibre, montado em via férrea, que defendem as costas da Inglaterra



Quantos raids sôbre o inimigo ?

Um piloto de um bombardeiro "Whitley" da R. A. F. pinta na fuselagem o número de raids que efectuou sôbre a Alemanha e cujos efeitos destruidores têm sido terríveis



A Iugoslávia em Londres

O chefe do governo iugoslavo, acompanhado do ministro dos Negócios Estrangeiros daquela nação, após uma conferência com Churchill, em Downing Street, 10



Uma «batalha» da «Home Guards»

É este o segundo grande Exército da Inglaterra, hoje treinado com uma superior eficiência. As ruínas dos bombardeamentos são aproveitadas para exercícios



A Índia ao lado da Inglaterra

Soldados indianos das muitas divisões que se encontram na Gran-Bretanha, saindo da Abadia de Westminster, onde foram prestar homenagem ao Soldado Desconhecido

A VIDA DE CHURCHILL

Como o Primeiro Ministro conta a batalha de Arroyo Blanco

PASSAMOS a noite de 29 de Novembro numa aldeia fortificada, Arroyo Blanco. Dois batalhões e um esquadrão tinham sido mandados em serviço de reabastecimento dos fortes. O resto da força, talvez mil e setecentos homens, devia procurar o inimigo e dar-lhe batalha. No dia 30 de Novembro, fazia eu 21 anos. Ouvi, pela primeira vez, o ruído dos tiros dados por homens encolerizados e ouvi as balas assoviarem e atingirem o corpo dos meus semelhantes.

Quando, de madrugada, nos puzemos a caminho, havia uma bruma que subia da terra. De repente, a recatada da coluna foi atingida pelo fogo inimigo. Naquele tempo, os homens aproximavam-se muito uns dos outros para combater e serviam-se de espingardas de grosso calibre. Ouvia-se o ruído de detonações fortes e viam-se núvens de fume e faíscas. A linha de fogo parecia-nos estar a uma distância de duzentos metros e fazia muito barulho. O espectáculo era impressionante. Como nenhuma bala vinha na minha direcção tranqüilizei-me com facilidade. Tinha o sentimento de todos os optimistas que se importam pouco com o que se passa, desde que lhes não diga respeito. A bruma foi-se tornando mais espessa de maneira que, em certa altura, passámos a não ver nada. Ao fim de algum tempo, começou a dissipar-se e vi que seguíamos por um caminho, com cerca de cem metros de largura, aberto na floresta. Chamava-se aquilo uma estrada militar e percorrêmo-la durante algumas horas. De vez em quando, os oficiais entretinham-se a cortar os ramos das árvores ou divertiam-se a abrir, com um golpe, os frutos de onde corria um liquido fresco sobre os imprudentes que os seguiam.

Naquele dia, quando parámos para o almoço, cada homem sentou-se junto do seu cavalo a comer o que trazia no bôlso. Coube-me metade dum frango muito magro.

Disponha-me a comê-lo quando, de repente, estalou a fusilaria no fundo do bosque onde me encontrava. Um cavalo que estava perto de mim, mas que não era o meu, deu um salto. Houve certa agitação. Um grupo de soldados precipitou-se para o ponto de onde partiam os tiros e encontrou apenas uns cartuchos vazios. Entretanto, a sorte do cavalo, que fôra ferido, deu-me que pensar. A bala tinha-o atingido entre as costelas. Na pele brilhante via-se um circulo vermelho de onde o sangue corria para o chão. Deixou pender a cabeça mas não caiu. Era, porém, certo que ia morrer visto que começaram a tirar-lhe rapidamente os arreios. Olhando tudo isto, pensava eu que a bala que tinha atingido o cavalo passara perto da minha cabeça. Tivera o baptismo de fogo. Era já alguma coisa. E comeci a tomar notas, com muita gravidade.

Ainda no dia seguinte caminhámos pela mesma estrada. Os bosques que, de começo, davam idéia das florestas inglesas, começaram a dar lugar às palmeiras de todos os tamanhos e das mais extraordinárias formas. Durante duas ou três horas atravessámos palmares até chegarmos a um local menos cerrado depois de passarmos, à noite, perto duma cabana miserável que estava marcada na carta. Fazia calor. Eu e o meu companheiro convencemos dois dos officiais mais novos do Estado Maior a tomarem banho connosco na ribeira que rodeava o bivaque por três lados. A água estava deliciosa, quente e clara. O local era magnifico. Preparavamo-nos para nos vestirmos, na margem, quando perto de nós se ouviu um tiro. A este seguiu-se outro, depois um terceiro, e por fim uma salva. As balas sibillaram junto das nossas cabeças. Era evidente que estávamos a ser atacados.

Enfiámos o fato e retirámos, ao longo da margem, o mais elegantemente que nos foi possível, para voltarmos ao quartel general. Quando chegámos a meio quilómetro, travava-se uma verdadeira escaramuça. As balas choviam no bivaque. Os rebeldes estavam armados com *Remingtons*, e o som cavo destas armas contrastava singularmente com o ruído agudo das espingardas espanholas. Depois de meia hora de luta, os atacantes cansaram-se e retiraram-se, levando consigo os mortos e os feridos que, segundo me pareceu, eram bastantes.

Jantámos tranqüilamente numa varanda e retirámo-nos, em seguida, para descansar numa pequena granja. Depressa fui acordado pelo ruído da fusilaria. Não eram apenas tiros isolados que se ouviam de noite, mas verdadeiras salvas. Uma bala atravessou o colmo da nossa cabana, outra foi ferir uma ordenança que se encontrava à entrada. Por mim, teria gostado de saltar abaixo da minha cama improvisada e de me deitar no chão. Como ninguém se mexia, pareceu-me preferível ficar também

(Continua na pág. 29)



O grande Churchill cinge o «Facho da Vitória» que o Canadá lhe ofereceu, simbolizando a força indestrutível do Império

FIGURAS E FACTOS



O Chefe do Estado, com o sr. dr. Oliveira Salazar, Cardial Patriarca e outros membros do Governo, antes de partir para os Açores



Um testemunho de amizade luso-britânica. Dois canhões de um navio inglês que, em águas portuguesas, combateram contra o domínio napoleónico, retirados agora do Tejo, em Paço d'Arcos



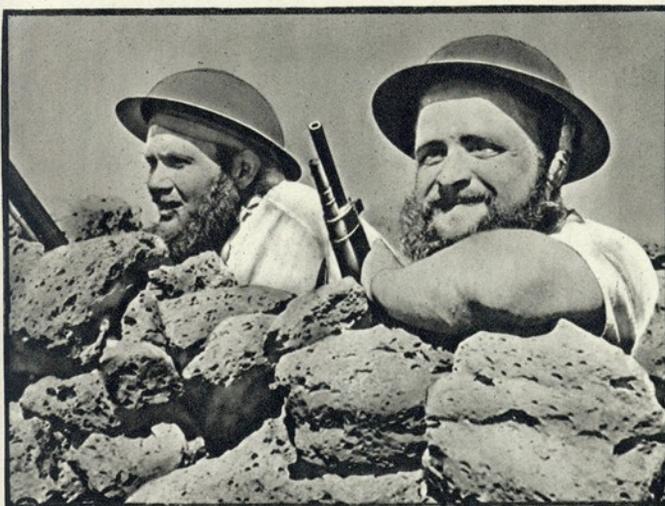
Os diplomatas americanos abandonam a Europa Central. Um aspecto da sua chegada à estação do Rossio



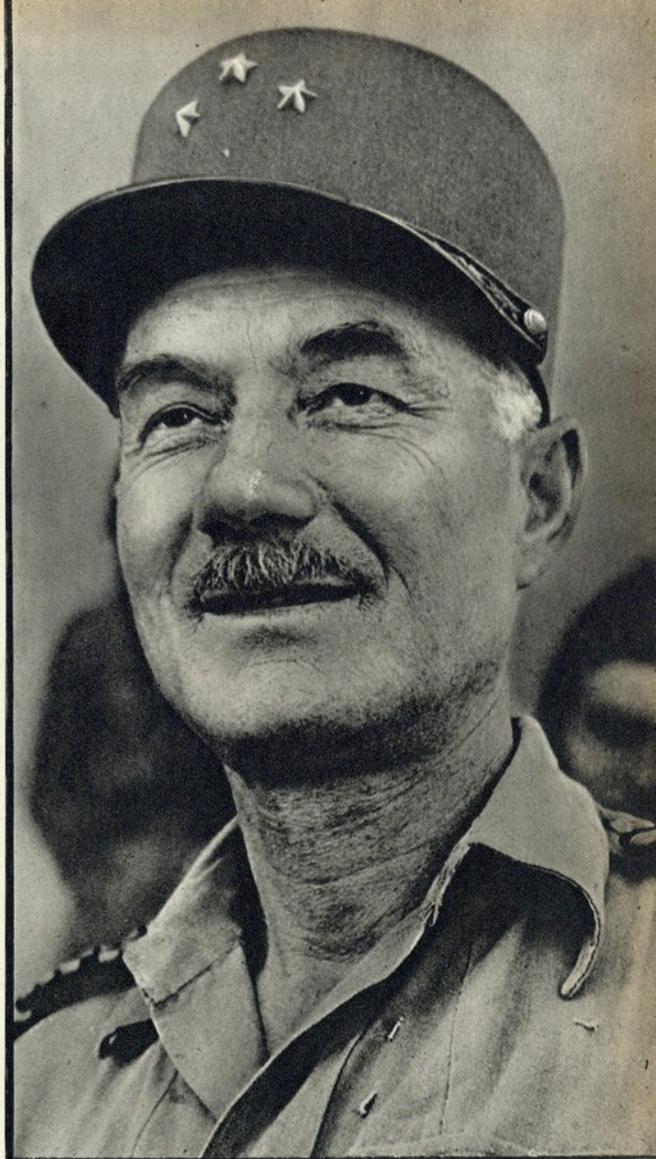
A missão diplomática presidida pelo sr. dr. Júlio Dantas, que foi ao Brasil, em nome do Governo, agradecer a participação brasileira nas Comemorações Centenárias, a bordo do «Serpa Pinto»



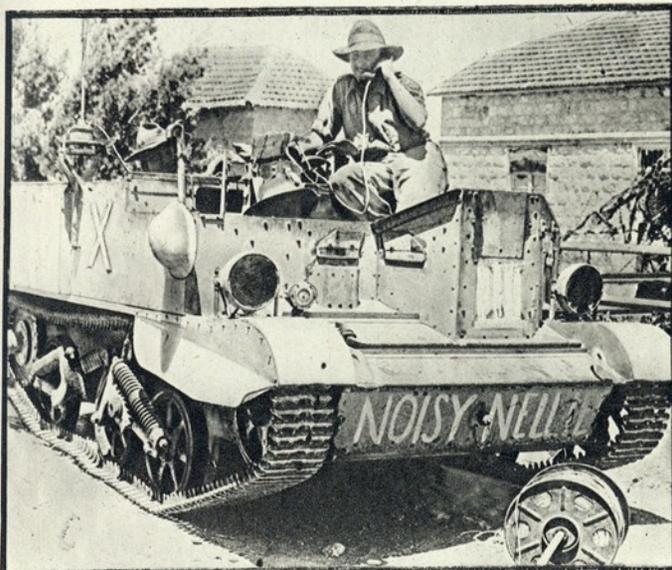
As tropas imperiais britânicas que combateram ao lado das forças livres francesas marcham nos desertos calcinados da Síria



Dois belos tipos de soldados franceses, num posto de observação, poucos dias antes das forças aliadas entrarem em Beirute



O general Le Gentilhomene chefe das forças livres francesas, que ao lado dos seus irmãos de armas da Inglaterra, conquistou Damasco



Este tank, que foi baptizado "Noisy Nellie", entra em Palmira. Um dos tripulantes comunica com o comando



As tropas inglesas atravessam a fronteira da Síria, que estava defendida por estes curiosos cones de cimento



Ala, arribal! E o barco carregado de sardinha, é puxado à corda pelos pescadores, num friso admirável de estatuária, em que a bisarria dos trajos e o esforço grandioso são, porventura, os elementos mais belos d'este extraordinário quadro da vida piscatória portuguesa

UM CONTRATO GIGANTESCO

OIRO DO MAR

As conservas portuguesas, afamadas em todo o mundo, têm contribuído, notavelmente, para o fortalecimento da economia nacional e são um óptimo factor de propaganda da nossa terra em países estranhos.

Indústria florescente, que propulciona e conjuga as melhores actividades, orientada por um organismo modelar, o Instituto Português de Conservas de Peixe, ela é fonte de riqueza — torrente de ouro arrancado ao mar — que faz prosperar o tesouro da Nação, origem da alegria em muitos lares humildes.

As nossas conservas de peixe, deliciosas, de fabrico esmerado, magníficas na apresentação e qualidade superior são justamente apreciadas e conquistaram os melhores mercados estrangeiros. Justo é dizer que a mesma indústria alcançou larga fama e sólido crédito, pela honestidade dos seus processos de trabalho e de comércio. E, graças ao esforço comum de quantos andam interessados nesse fecundo ramo de actividade e à acção coordenadora do Instituto, que reúne autênticas capacidades orientadoras, técnicos dos mais competentes, a indústria pode enfrentar os momentos de crise e as dificuldades impossíveis de evitar, sempre graves e de lamentáveis efeitos noutras indústrias que não tenham organização tão perfeita.

A média anual da exportação de conservas de peixe fabricadas em Portugal é de 52.000 toneladas, que representam o labor de 20.000 operários.

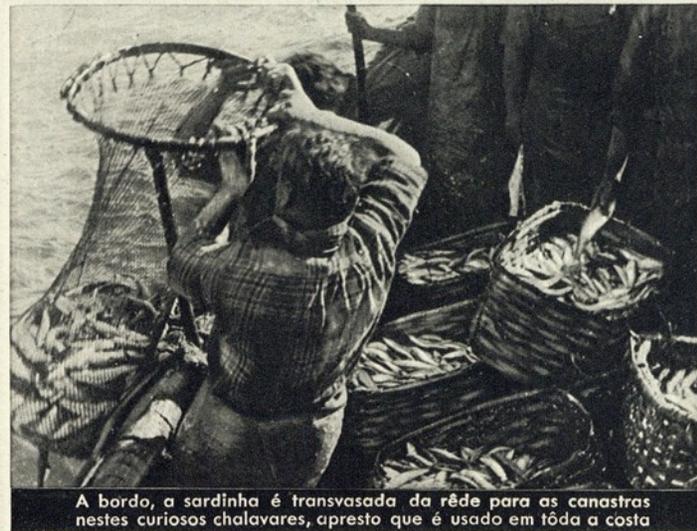
Entre Portugal e a Inglaterra, por intermédio da United Kingdom Commercial Corporation e dos industriais e comerciantes portugueses, foi celebrado um importante contrato para fornecimento de 150 milhões de latas de sardinha em conserva, no valor de cerca de dois milhões de libras ou sejam 200.000 contos. É este o contracto comercial mais importante até hoje celebrado entre o nosso país e a Gran-Bretanha.

Para a execução desta encomenda estão assegurados os fornecimentos da fôlha de Flandres indispensável ao fabrico das latas. Ela interessa na sua actividade 177 fábricas, assim descritas pelos vários centros conserveiros:

Matozinhos, 33; Peniche, 7; Lisboa, 12; Setúbal, 48; Lagos, 10; Portimão, 20; Olhão, 35, e Vila Real de Santo António. Encontram-se já em Portugal cerca de 14.000 caixas de fôlha inglesa, que vieram da Gran-Bretanha, exclusivamente destinadas às fábricas que vão trabalhar, segundo as regras do contrato. Para outras indústrias que carecem desta matéria prima são esperadas novas remessas de fôlha, provenientes da América.



Descobriu-se um cardume. A rede é lançada de bordo da traineira e as cordas retesadas indicam já que ela vem cheia de peixe



A bordo, a sardinha é transvasada da rede para as canastras nestes curiosos chalavares, apresto que é usado em toda a costa

É este o maior contrato feito com a nossa indústria conserveira. Sardinha não falta. A nossa costa é uma mina de prata, onde os pescadores se, por vezes, arriscam a vida, lutando contra as inclemências do mar, encontram também a bonança que lhes permite arrancar do Oceano essa grande riqueza. A sardinha portuguesa, afamada em todo o mundo, particularmente saborosa e apaladada por um azeite de superior qualidade, é hoje um produto de fama internacional. A Inglaterra, que é já o nosso melhor cliente em vinhos do Pôrto, torna-se, também, com este fornecimento extraordinário, a melhor compradora de conservas de peixe.

As vantagens do importante contrato estão patentes e far-se-ão sentir de forma positiva na economia nacional e, particularmente, na indústria de conservas e em quantas actividades lhe são adstritas, das quais sobressai a pesca. Serão empregadas quantidades enormes de azeite, madeira para caixas, arame, pregaria e outras matérias, para as quais se depara assim uma escoante de amplas perspectivas. E, principalmente, temos assegurado o trabalho para os 20.000 operários conserveiros e para outros milhares de pescadores e obreiros de variadas indústrias e ramos de comércio.

Tudo está preparado para o início da gigantesca tarefa e o labor activo e constante de todas as fábricas depende só da circunstância de haver peixe. Os barcos vão sair para o mar e a pesca há-de ser fecunda, para que as praias se encham de cantigas e os pescadores tenham pão e alegria

nas suas casas singelas, embaladas pelo sussurro das ondas. Para se fazer idêa do que representa a execução do grandioso contrato basta conferir os números na sua expressiva e impressionante simplicidade estatística.

São 1.500.000 caixas (base de 1/4 club 30 mm.) que muitos navios hão-de conduzir a Inglaterra. Dispostas em fila indiana, esta teria um comprimento de 870 quilómetros, ou seja, duas vezes e meia a distância de Lisboa ao Pôrto. Transportadas de uma só vez, em caminho de ferro, na base de 23 quilos (pêso bruto), seriam precisos 3.450 vagões, a 10 toneladas. Supondo cada comboio formado por 30 vagões, seriam precisos 115 comboios.

Os 150.000.000 de latas colocadas umas sobre as outras, verticalmente, atingiriam a altura fabulosa de 4.500 quilómetros, ou seja 15.000 vezes a altura da Torre Eiffel.

Estes números fantásticos dizem mais que todas as palavras e quaisquer comentários de louvor para a empresa de tal monta, absolutamente merecidos e justificados pela radiante alegria que enche os corações de todos os portugueses, ante a perspectiva de trabalho fecundo e compensador.

Portugal trabalha em paz e do seu esforço resultará que em casa não faltarão o pão e um pouco de alegria.

E vem a propósito salientar a notável organização desse serviço, no Instituto Português de Conservas de Peixe, dirigido pela competência e dedicação inextinguíveis de um dos principais elementos daquele organismo, o sr. Raul Reis.



O laboratório de análises das matérias primas e dos fabricos, do Instituto Português de Conservas de Peixe



Fresco e pequenina como a sardinha que ela enlata, esta operária representa bem o tipo da mulher portuguesa



Este fio de azeite, de ouro fino, torna a sardinha portuguesa a mais saborosa do Mundo



A alegria dos marinheiros ingleses. Um gracioso grupo de mocidade e de beleza, numa piscina de Hornsey. O tritão e as sereias continuam a história da Inglaterra



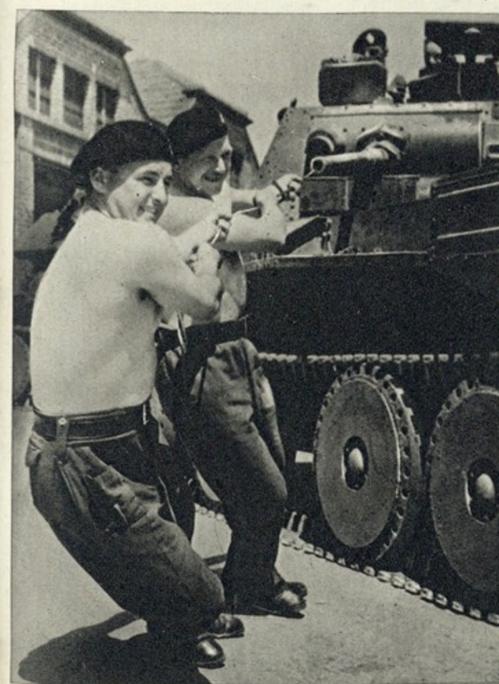
A alma imortal de Paderewsky, a quem a Polónia deve a sua ressurreição em 1918, é evocada numa cerimónia religiosa em Westminster, a que assiste o Presidente da República



Engenharia escocesa em exercícios de construção de pontes num rio da sua região



Enternecidamente, um marinheiro da gloriosa esquadra inglesa mostra aos filhos a «George Cross» com que foi condecorado



Dois tripulantes de um tank limpam o canhão do monstruoso engenho de guerra



A necessidade faz a moda. Em vez de meias a pintura que as imita, executada por verdadeiras especialistas

Página Feminina

de AURORA JARDIM

O QUE SE USA

- Grandes feltros em forma de canotier com a copa muito baixinha e outros em feitiço de tricórnio.
- Luvas de celofane.
- Nos fatos «alfaiates», os casacos mais largos, como os dos homens americanos.
- Uma segunda saia que vem da cinta e mal chega ao joelho. Muitas vezes, é mais curta à frente do que atrás. O corpo deve ser sem abertura alguma para não dar a idéia de que é casaco.
- Decote fechado à frente e atrás, mas a descobrir os ombros, ou, pelo menos, a ter essa tendência.
- Nos vestidos de baile, fica a descoberto um pequeno triângulo entre a saia e o corpo — o que vem a ser mesmo no estômago...
- Incrustações de rendas pretas em tecidos leves, de tom pastel.
- Cabelo muito repuxado dos dois lados da cabeça. Ao centro, até à nuca, forma uma série de caracóis. De resto, vê-se muito a nuca descoberta.
- Nas blusas ligeiras, borda-se, no lado esquerdo, um coração, com Talagarça. É muito gracioso tendo vários tons.
- Caudas em forma de espiral nos vestidos de baile, em gaze ou tule. Têm muita roda e, sendo preciso, formam capa, à saída.
- Substituindo a correia do relógio, tiras pespontadas, no mesmo tecido do vestido.
- Luvas com iniciais ou monograma nas costas.
- Nos vestidos de baile, os panos traseiros são em duas cores. Estão de tal forma sobrepostos, que só ao dançar se vê o que está por baixo.
- Sacas de palha e sapatos iguais. Outras combinações de linho em bordado inglês.
- Meias de cores variadas, conforme os tons dos vestidos — iguais ou sem contraste.

Tem a idade das suas opiniões?

Dez Provas

- 1 — A única coisa que se pode ouvir na rádio é a ópera — Tem 70 anos
- 2 — Com força de vontade tudo se obtém — 20 anos
- 3 — Quem sabe amar, sabe viver — 40 anos
- 4 — O amor não dá felicidade — 18 anos
- 5 — Um homem pobre pode ser tão feliz como um rico, infeliz — 60 anos
- 6 — Como as mulheres falam mais facilmente do que os homens! — 30 anos
- 7 — O fato desportivo é o melhor — 22 anos
- 8 — O homem bem posto impõe-se — 35 anos
- 9 — Quem diz que as mulheres cüstam a compreender? — 35 anos
- 10 — Não há nada melhor no mundo do que isto: ser amada pela pessoa que se ama

As mulheres em todas as idades



A moda deste verão na praia e no campo. Linhas simples sem ausência de bom gosto

As Suas Pernas

Há mulheres que são forçadas a estar em pé durante bastante tempo e outras que andam muito. Também aqui a beleza é saúde: pernas bonitas só sendo sãs. Alguns minutos de cuidados, restituir-lhes-ão a vivacidade requerida.

Pernas Pesadas

Depois do banho, deixe correr água quente e fria sobre as pernas. De três em três dias, mergulhe-as num banho tépido, com 5% de cloreto de amônia ou duma solução de bário. Evita as deformações, o peso e activa a circulação.

Tornozelos inchados

O mais forte motivo é a celulite. Reconhecerá que a tem, beliscando a perna,

que ficará muito dorida. Provém da insuficiência da circulação do sangue. O tratamento anterior dará bom resultado. E também as maçagens feitas por pessoa competente.

Pernas inchadas

A celulite pode atingir a perna toda. A fadiga produz o edema ou inchaço que, muitas vezes, existe à noite e desaparece de manhã. Pode ser o signo duma doença geral ou indicar a existência de perturbação cardíaca, renal ou hepática. Acompanha a gravidez e pode provir do mau funcionamento da glândula tiróidea. Suprima o sal, as bebidas e os excitantes.

Ponha os pés da cama um pouco mais altos do que a cabeceira. Se não der resultado, isso indica que há falta de cálcio no organismo e então o médico aconselhará as injecções adequadas.

Sport



A mulher inglesa cultiva a natação com excepcional entusiasmo. A água e o sol são óptimos "produtos" de beleza

A NATAÇÃO é o primeiro de todos os desportos

NÃO há desporto mais atraente do que a natação. É o primeiro de todos os desportos e, ao mesmo tempo, o mais agradável e o mais útil. A pesar disto, a natação não é um desporto tão generalizado como devia ser. Num país como o nosso, de clima tão propício para a natação em grande parte do ano, com tantas e tão vastas costas e cortado de tantos rios, a natação deveria ser um desporto nacional — obrigatório na escola, nos colégios, nos regimentos. Infelizmente, não é assim. A grande maioria dos portugueses, muitos dos quais sonham a sua vida sobre as águas, a bordo dos navios, não sabem nadar. Recentemente ainda, havia pescadores que não sabiam nadar, e isto constitui uma clara indicação de quanto tem sido desprezado em Portugal o ensino da natação. Em oposição, em alguns países do norte, com pior clima, temperaturas negativas no inverno, gelados os rios e os mares, a natação é um desporto que faz parte da educação oficial e raro é o homem que não sabe nadar. Os ingleses, particularmente, tem uma

verdadeira adoração pelos desportos náuticos.

Nos colégios ingleses, há disticos de incitamento que valem uma primeira lição: «quando se entra no banho, deve-se ter presente que o mar é jovial e amigo, se o tratarem com prudência e inteligência.» E esta outra: «É um erro supor que o mar é um inimigo, que é necessário combater, porque ele quer devorar o nadador.»

Realmente, os nadadores inexperientes, entram na água, nervosos, intimidados, e atemorizam-se com as ondas, com a impulsão da água, e logo que o mar se põe a brincar pretendendo baloiçar o nadador, este julga imediatamente que está em perigo. É um erro. Desde que o principiante se não afaste da margem, de modo a não haver uma fundura de água que chegue para cobrir o nadador, se ele estiver de pé não há perigo algum e para confiar-se abertamente e «brincar na água», expressão que significa confiar-se inteiramente. Logo que isso suceder, ele, sem dar por isso, estará a boiar, como se fôra um pedaço de cortiça. Nessa altura, o nadador terá exacta noção de quanto é agradável nadar. Então deita-se na água espreguiçando-se livremente rolando, cabriolando, como se estivesse suspenso por lençol invisível.

As formas clássicas de nadar de «bruços» — como as rãs — deslizando suavemente pela água, quasi sem crespas a sua superfície lisa, e «de costas», são as mais úteis e as mais recomendáveis a todos aqueles que desejam aproveitar a natação como passa-tempo, e até porque, como exercício, são superiores a qualquer outro sistema, que visa apenas uma maior velocidade.

Em competições desportivas, nas quais se procura a forma mais rápida de caminhar na água, o sistema hoje generalizado nos países mais progressivos é o *crawl-stroke*. É

um processo simples, gracioso, velocíssimo e não é tão fatigante como parece à primeira vista.

Aprendida a natação, é vasto o campo de diversão: o water-polo, uma forma de futebol jogado na água, e os saltos artísticos, e a *natação artística* são excelentes derivativos, sobretudo em piscinas, que permitem espectáculos maravilhosos.

Realmente, é a natação de salvamento a mais útil e a mais valiosa. Em Inglaterra a «Royal Life Saving Society» desenvolve anualmente uma actividade notabilíssima no ensino dos primeiros socorros a prestar, tanto no mar como depois na praia, ao nadador descuidado ou infeliz que correu o risco de afogar-se. Dum modo geral, os acidentes na água tem lugar porque o nadador inexperiente se afastou da costa sem saber nadar, ou se afastou demasiadamente não contando com a viagem do regresso, ou porque se lançou à água depois de comer, ou por qualquer outro incidente. O socorro a prestar-lhe, primeiro para o conduzir para terra, e, depois, para o reanimar, constitui um dos mais belos aspectos da natação desportiva e que muito devia ser generalizada no nosso País.

País essencialmente marítimo, de permanente e tradicional contacto com o mar, os portugueses deveriam ser optimos nadadores.

A. SOARES

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **CARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

Telefone: 1 276

SPRIL

RUA DO LORETO, 34, 2.º

TELEFONE 2 2797 / LISBOA

ARTIGOS DE SPORT

BÁRBARA

NOVELA DE FAURE DA ROSA

A entrada de Bárbara ao nosso serviço datava de há muito. Mas só desde a época dos meus dez anos é que a recordação dela me é precisa. E, de então para cá, tudo o que foi a nossa vida era, segundo me parecia, a vida de Bárbara.

Em casa gostávamos todos muito dela. No entanto, nessa época, não meagradava ouvir-lhe dizer: «a nossa horta, o nosso jardim». A tudo chamava *nosso*. Ora eu sabia que aquilo era *nosso*, sim, mas que este *nosso* se circunscrevia ao papá, à mamã, talvez à minha pessoa, e não a Carlota já que possuía um marido, outra casa e outro jardim. Bárbara tinha pois o intolerável costume de se considerar lado a lado com-nosco na propriedade das coisas.

Pouco a pouco, porém, ao passo que me ia tornando num pequeno homem, ela ia-me vencendo e a minha ternura por Bárbara firmou-se. E, tódas as atitudes de meu pai que esperava dignas de serem seguidas, provocaram-me, depois, uma crítica involuntária e hostil. No entanto, ela tornava-se cada vez mais o *objecto* indispensável da casa, pois que

uma doença, de que escondiam o nome afastava a mãe da maioria dos afazeres domésticos. Creio que foi, precisamente, nessa altura que Bárbara anunciou o seu casamento. Disse-o à mamã com um riso envergonhado e contente. Ela não era bonita, mas não feia. Eu achava-a cômica, e cômica pois a sua ideia de casar. Tinha para mim como incontestável, que a primeira condição para o casamento era a de ser-se belo. Além disso, Bárbara era uma criada e o casamento era uma coisa que eu entendia como natural entre duas pessoas da minha classe que iriam para a igreja em traje de cerimónia e de carruagem ou automóvel. Bárbara vestida de noiva, Bárbara ajoelhada ao altar, era absurdo.

Foi por isso grande e contrariada surpresa ver que a mamã não reagira. Ficara calada, triste, mas não lhe ouvira, por exemplo, dizer como quando ela desejava ir à terra ver os pais:

«Não pode ser. Compreende-se lá um disparate destes! Espera pelo verão!» Chegava o verão e a mamã adia para o ano seguinte. E só ao cabo de muito tempo Bárbara con-



seguia, de longe a longe, 4 dias, dados de má vontade, para ir ver os pais e a terra. Agora, porque não sucedera nada de parecido? — interrogava-me. E ouvi, pouco depois a mãe falar, seca e hostil.

— Pois casa. Não temos nada com isso. É contigo. Quando quiseres, tens a porta aberta.

Foi-se-lhe o riso contente. E pela primeira vez comecei a sentir piedade por ela. Baralharam-se duas lágrimas nos seus olhos tristes.

Dai por diante, a mamã não a poupava com remoques. «Tu, desde que aquele diabo te virou a cabeça não fazes duas coisas com jeito».

Bárbara tinha horror aos homens e à sua maldade. Este conceito havia quasi desaparecido.

Mas as palavras da *senhora* reavivaram-no.

«Tu vais casar e nem sequer sabes quem éle é. Uma malandragem que vos enche de filhos e vos deixa depois ao abandono».

«Faze o que quiseres. Não te digo mais nada».

«O que não quero é que, mais tarde, possas dizer que te não mostrei as coisas como eram».

Bárbara debatia-se numa grande duvida que a acabrunhava.

— Não sei. Éle é bem parecido e parece direito, mas às vezes...

Um dia disse:

— Ora! Sempre me caso.

— ¿Gostas dêle, pateta? Estás perdida de todo. Vocês perdem a cabeça logo com o primeiro que vos aparece.

E como que inspirada:

— Ouve lá tu: porque é que não esperas? ¿Porque não deixas passar mais algum tempo a ver se te ararece um mais geitoso e que te ofereça mais garantias?

— Mas, ¿se eu gosto dêle? ¿Ora gostas! Vocês sabem! Já disse alguma coisa! Pronto. É contigo.

E eu compreendi que a mamã não queria.

Éle foi-se fartando do ora sim, ora não da pobre moça e, um dia, abalou.

Durante muito tempo Bárbara chorou.

Foi tudo de chofre. Veio o recado e abalámos com cara de tragédia. Tinha sido uma apoplexia. Eu que não gostava do meu cunhado quando o vi no esquife, inerte, achei-o repelente e pensei que fôra bom éle ter morrido. Porém, ao ouvir os gritos da Carlota premeindo o filho contra o peito, senti um fundo remorso consolando-me a ideia de que já-mais saberiam do meu mau pensamento. Agora, vivíamos todos juntos, nós, Carlota e o pequeno Miguel que foi quem adormeceu em Bárbara, creio, a dôr do arrependimento. Só quem o tenha presenciado pode compreender quanto é possível ter-se duas mãis. O que de carinho e de ternura havia em Bárbara para com Miguel só o poderia ter Carlota.

Para Bárbara havia agora um dono: o pequeno. Que o estragava, dizia minha irmã. É possível. Mas foi ela quem o salvou da pneumónica, disse-o o médico.

Ao chegar aos 20 anos tive que interromper o curso. O pai tinha perdido tudo ou quasi tudo excepto a fábrica, e queria-me lá porque se julgava roubado e velho para exercer eficiente fiscalização. ¿Quem me consolou e compreendeu senão Bárbara?

Dizer que só tinha qualidades seria deturpar o seu carácter. Dava-se a momentos

PARECE 10 ANOS MAIS JÓVEM!

Veja estas fotografias da mesma pessoa!



Mlle Brassade indica abaixo como rejuvenesceu alguns anos e se tornou duas vezes mais bonita

«Estou admirada e encantada por me ter embelezado tão maravilhosamente. Tódas as minhas amigas invejam a minha tez e pedem-me o meu segredo. Eis, na realidade, o que fiz:

Tódas as noites apliquei o Creme Tokalon. Cór de Rosa, Alimento da Pele, que contem o Biocel, surpreendente elemento da juventude descoberto por um célebre Professor da Universidade de Viena. Enquanto V. Ex.^a dorme éle nutrirá a sua pele tornando-a firme e isenta de rugas. Para de dia empregue o Creme Tokalon, Cór Branca, que dissolve os

pontos negros, fecha os poros dilatados e torna a pele clara, fresca e aveludada».

Tôda a senhora que seguir este simples tratamento de 3 minutos por dia pode ter uma tez de uma nova beleza. Garantimos os melhores resultados com os Cremes Tokalon. Alimento da Pele, caso contrário restituímos o dinheiro do custo.

A venda em tódas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

maus e começava a respingar com o papá. Agora que ele se sentia alquebrado e triste, era mal feito, pensava eu. Demais havia nela um crescente azedume para com os outros e pretendia exercer sobre nós uma abusiva tirania. Algumas vezes Carlota se exaltou procurando arrancar o filho da influência de Bárbara. Tardamente. Vejo ainda os olhos serenos de Bárbara ao escutar as palavras desagradáveis e bruscas de minha irmã, tóda ela, num ligeiro repuxar de lábios exteriorizava a segurança em si e na amizade de Miguel. A sua dedicação por ele no entanto não a afastou de nós.

Era ainda escuro, tódas as luzes estavam acesas nos quartos, em que todos havia alguém a remexer, a empacotar ou a enfiar. Além do ruído das coisas que caíam, do arrastar das malas ou do pigarro do pai, só de quando em quando uma voz se ouvia perguntando ou ordenando o que quer que fosse. Na cozinha, Bárbara tinha preparado o café e chamara-nos, em vão, duas vezes. Fui eu o primeiro a acudir; era

eu o único alegre. Quando entrei Bárbara pareceu-me de súbito uma estátua ou uma múmia.

O pai vendera a fábrica e a casa. Um vento de má sorte assolara, pouco a pouco, tudo o que era nosso. E iam para o Brasil. O pai decidira e, como sempre, ficara na sua indecisão e receio tristes, umas vezes arrependido, outras alarmado. A mãe detestava as viagens, e êsse era o motivo porque lhe não agradava a partida. Carlota perseverara, inutilmente, em desconvencer o pai. Eu não podia deixar de me regosijar. E chegara pois essa madrugada sem que tivesse ouvido falar ácêrca do destino de Bárbara; e ingénio como era, julgava ser ponto assente que iria connôco. Soube depois que a mãe declarava apenas que «Bárbara lhe iria fazer falta».

Pensei que era muito triste, muito, ter que deixar Bárbara: que devia sê-lo, mas percebi que não sentia tal tristeza, que ninguém a sentia. Dentro continuavam a martelar.

Ressouo, de repente, a voz do pai. Depois veio Carlota e a mãe. Bárbara foi dentro espreitar Miguel que dormia.

A manhã avançou e, muito

antes da hora de partirmos, estava tudo pronto. Porém, quando iam já a caminho tivemos que retroceder com grandes ralhos do pai — a culpa fôra exclusivamente dêle — porque se não haviam dado as chaves ao porteiro do prédio ao lado, conforme ficara as onze fôra transferido para a uma hora.

Não havia muita gente a bordo mas no cais fervilhava o rumor de muitas vozes e amontoavam-se muitas cabeças irrequietas.

— Despede-te de Bárbara — disse-me minha mãe entre lágrimas e despertando-me dos mil projectos a que me entregara a fantasiar. Olhei-a e estremei. Vi os seus olhos ainda durante muito tempo. E compreendi, nesse curto momento, tóda a sua vida. Bárbara que a tudo renunciara, que tudo perdera. Que nos ofertara as suas alegrias, as suas tristezas e os seus filhos — tudo a trôco da nossa vida que pouco lhe dera e que numa manhã lhe fugia para sempre.

Vejo-a hirta no cais, distinta dentre de todos. Vejo-a com a vontade irresistível de agarrar na sua imagem e a colocar no barco. Ainda viverá a minha criada Bárbara?

A guerra aérea

(Continuação da pág. 11)

contribuíram poderosamente para diminuir a ameaça que durante o inverno e parte da primavera pesou sobre a ilha britânica.

Nos grandes "raids," tentados pela aviação alemã em 16 de abril e 10 de maio as perdas dos atacantes atingiram proporções nunca igualadas até essas datas. Pode dizer-se que, desde então, a ofensiva aérea do Reich cessou.

A Inglaterra encontra-se numa situação particularmente favorável desde que a aviação alemã se empenhou na sua quasi totalidade para conseguir, com rapidez, uma decisão a Leste. Essa situação tem sido aproveitada. Há algumas semanas que a R. A. F. martela, sem descanso, as poderosas concentrações industriais do Rhur, os portos da costa ocidental da França e do Norte da Alemanha. A eficácia dessa acção sistemática de destruição depende, em grande parte, da duração da campanha na Rússia.

Carlos Ferrão

A Vida de Churchill

(Continuação da pág. 15)

quieto. Depois duma noite agitada, a coluna pôs-se novamente em marcha, pela madrugada. O nevoeiro protegia os atiradores rebeldes que nos saúdaram, logo que atravessámos a ribeira, com o seu fogo bem dirigidado. O inimigo recuava na nossa frente, mas aproveitava tódas as posições. Na verdade era pequeno o número de homens atingidos, mas as balas atravessavam tóda a coluna e animavam a sua marcha. A's oito horas, a testa da coluna chegou a terreno descoberto. Entre o extremo da planície e a linha inimiga havia um caminho largo que tinha, dum lado, um extenso fio de ferro e, do outro, uma fila de árvores pequenas. De cada lado do caminho havia prados extensos cobertos com erva que atingia metade da altura dum homem. A cerca de dois quilómetros havia uma centena de palmeiras. No fim da estrada, do lado direito, erguia-se uma colina e, por detrás desta, uma floresta espessa. O inimigo encontrava-se ali. O general resolveu-se atacá-lo imediatamente.

A tática a empregar era simples. Logo que o principal batalhão espanhol chegou à planície cobriu o flanco com duas companhias. A cavalaria avançou pela direita da estrada, e a artilharia pelo centro. O general, com o seu estado maior e os dois visitantes ingleses, avançou solenemente ao longo da estrada, até ficar a cinquenta metros do inimigo. O segundo batalhão seguia, em coluna, as peças de artilharia. Eu percorri cerca de trezentos metros. Tudo parecia calmo. Depois, na crista da colina, apareceram pequenas nuvens de fumo branco acompanhadas pelas detonações das armas dos rebeldes. A cena repetiu-se ainda duas vezes. O fogo do inimigo foi-se tornando mais intenso e estendeu-se ao longo da posição que ocupava. A infantaria espanhola começou a avançar lentamente. Dos dois lados aumentou a intensidade do fogo. A' nossa volta ouviam-se ruidos que pareciam suspiros, assobios e zumbidos. Entre o general, acompanhado pelo seu Estado maior, e o cimo da colina, ocupado pelo inimigo, havia uma distância de trezentos ou quatrocentos metros. Parámos nessa altura e, em cima dos cavalos, o descoberto, assistimos ao assalto da infantaria. O ar vibrava quando passavam as balas, e as palmeiras atingidas produziam um som cavo. No nosso grupo, composto por vinte homens, só três cavaleiros, com as respectivas montadas, foram atingidos. Ninguém morreu. Com grande satisfação minha o crepitar das «Mauser» começou a dominar, enquanto o fogo dos rebeldes enfraquecia, acabando por cessar completamente. Durante algum tempo ainda vi sombras que se refugiavam na floresta. Depois, fêz-se um silêncio completo. A infantaria avançou e ocupou a posição inimiga.

Como a coluna tinha apenas viveres para um dia, retirámos ao longo da planície até Jichotea. A honra espanhola e a nossa curiosidade estavam satisfeitas. A coluna alcançou a costa. Nós alcançámos a Inglaterra. Saimos de Cuba sem termos a certeza de que os espanhóis estivessem em condições de alcançar rapidamente a vitória.



5 VANTAGENS DO PAPEL DE FUMAR ARROZ "Smoking"

- 1 Oferece garantia máxima de higiene por ser a mortalha fabricada inteiramente por meio de processos mecânicos.
- 2 Resistência e elasticidade do papel suficientes para evitar que se rasgue ao fazer o cigarro.
- 3 E' inofensivo e não irrita a garganta, porque não contem substâncias químicas nocivas.
- 4 Sua combustão se bem que lenta, impede que o cigarro se apague logo que se deixa de fumar.
- 5 Seu bom sabor e aroma.



Agencia LISBOA: Adélino Ferreira Guimarães — Rua dos Douradores, 29, 3.^o
 Agencia PORTO: Gil Osmandino da Costa — Rua de Santa Catarina, 461, 1.^o

Como se vive em Tobruk

por ALAN MOOREHEAD, enviado especial do «Daily Express» no Cairo

TIVE hoje carta de meu primo. Encontra-se na guarnição da cidade de Tobruk desde o momento em que, vai para quatro meses, o exército imperial inglês se entroncheou ali, subitamente, deixando que as forças alemãs o cercassem e deixando-as avançar até à fronteira do Egipto.

Desde esse dia, nos princípios de Abril, Tobruk, repeliu todos os assaltos contra ela lançados. O general alemão Rommel, que recebeu das mãos de Graziani o comando, lançou todo o seu poder contra dez pobres milhas quadradas de areia e rocha.

Pelos meses de Abril, Maio, Junho e Julho além recorreu às mais diversas tentativas: pelos céus mandou aparelhos voando baixo e bombardeiros picantes; reuniu a sua artilharia e bateu, de longe, em toda a volta, as linhas britânicas, que se desenrolam em arco desde a costa leste da cidade até à costa oeste; mandou para o combate tanks pesados, seguidos por massas compactas de infantaria. Entrou depois, juntamente, com os bombardeiros, artilharia, tanks e infantaria. Usou, em seguida, separadamente, todas essas armas. Fêz a experiência num local; depois em toda a extensão das linhas britânicas. Tudo falhou.

Após tudo isto, escreve-me hoje meu primo para me dizer que há sossego — relativo sossego — em Tobruk e que espera vir passar alguns dias ao Cairo.

Tal qual o general Brauschitsch no ano passado contra a Gran-Bretanha, parece que o general Rommel perdeu toda a esperança de tomar Tobruk de assalto.

Dêste modo, os alemães marcam passo em frente de Tobruk

como o estão marcando em frente da Inglaterra, à espera de melhor oportunidade. Retificam posições e esperam reduzi-la pela fome.

A coberto da noite dispõem

lianos; os últimos goles de uma garrafa de cerveja foram sorvidos há algumas semanas, para comemorar o fracasso de um golpe inimigo.

Passam regularmente sem



Sob um sol de fogo, os poderosos tanks ingleses abrem caminho à infantaria, no deserto da Líbia

grandes campos de minas em torno das linhas britânicas e, com as minas, muitas peças, tanks e homens — sempre mais homens.

O porto encontra-se fechado às divisões alemãs que para a vizinhança do mar deslocaram os melhores esquadrões, a ver se impediam o reabastecimento de Tobruk.

Dentro da cidade não se vive lá muito bem. Como todos, desde os generais aos soldados, o meu primo tem fruta, carne, legumes, biscoitos — tudo isto em latas. Não há cerveja. Aplicam, pois, forçadamente, a lei seca. Um ou dois teem ainda algumas garrafas de conhaç, deixadas pelos ita-

vegetais, fruta carne e pão frescos, assim como sem manteiga. Alguem apresentou uma especialidade de pilulas — «espargos e alface» — disse fazendo-as rolar por sobre a mesa. Não teem — quem pensa em tal? — gelo.

Alguns vivem nas casas desmanteladas de Tobruk, outros no deserto, ao ar livre, ou no leito rochoso do rio, que há muito secou.

O calor e a areia entram por toda a parte. Quasi todos os dias e todas as noites se ouvem os bombardeiros e a artilharia pesada que ribomba em toda a volta.

Em Tobruk não há tempo para se aborrecerem. Ganham-

-se as escaramuças ao longo do perímetro e parece-me que de tais êxitos veio o sentimento de que Tobruk poeirenta e cheia de mósas — valia a pena ser defendida.

Antes de o sr. Churchill anunciar que Tobruk seria defendida até o fim, já os homens tinham êles próprios decidido isso.

Entretanto, as marinhas de guerra e mercante conservam aberta sobre o mar a jaula de Tobruk.

Chegaram aqui os primeiros «Tomahawks» americanos para abater os «Stukas» e os «Heinkels».

Ainda não há cinemas nem divertimentos. Nada a não ser a guerra; mesmo, porém, em tempo de guerra e em cidade cercada os homens sabem tratar do seu conforto e das suas comodidades.

Já se publica um jornal — «Dinkum Oil» (calão australiano para dizer — a verdade). Acostumaram-se já a nadar no mar e a organizar competições desportivas.

Têm-se divertido muito com uma tropa heterogênea, formada por uma companhia de cozinheiros, ordenanças e impedidos que utilizam as suas folgas guarnecendo e disparando contra o inimigo peças italianas quasi desmanteladas.

Carregam as peças com pedras e, como não têm instrumentos de pontaria, apontam-nas primeiro pela alma antes de as carregarem para terem a certeza de que as pontarias estão certas. Contra todas as regras de artilharia esta tropa tem feito muitos bons tiros.

Eis a situação de Tobruk. Isto é o que escreve o meu primo com toda a confiança. A propósito: a correspondência para Tobruk não precisa de franquia.

Canelas & Figueiredo, L.^{da}

PRODUTOS COLONIAIS
CORREIAS E MANGUEIRAS
"GOODYEAR"

Telef. 25058

RUA DOS FANQUEIROS, 46 // LISBOA

É' com os

INSECTICIDAS
«EUREKA»

que se destroem:

FORMIGAS, MOSCAS, CARRAÇAS, BARATAS, TRAÇAS,
CARACOES, PERCEVEJOS, PIOLHOS PULGAS

ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^a

LISBOA

PORTO

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 32

R. SANTO ANTONIO, 15

CINEMA

A "SÉTIMA ARMA" BRITÂNICA

O cinema britânico continua vigilante. E tão decisiva tem sido a sua influência, que Dilys Powell, num artigo há pouco inserto num semanário londrino, reconheceu ter chegado o momento de se ponderar novas directrizes a imprimir à futura produção inglesa, uma vez que os resultados até agora obtidos impanham finalidades mais concretas. Do reconhecimento desta verdade derivou o Governo britânico acelerar a feitura de uma nova série de documentários cuja realização, visando instruir e exaltar as virtudes cívicas e militares da comunidade inglesa, foi confiada a verdadeiros especialistas no género, como Paul Rotha e Basil Wright, que trocaram os estúdios pelo ar livre... Os filmes adquiriram mais verdade e a propaganda começou a produzir efeitos mais eficazes.

Squadron 992 e Men of the Light-ships, que focam os primeiros ataques aéreos, respectivamente a Firth of Forth e a um barco-farol, demonstram, com singular brilhantismo, a descoberta dum novo campo de acção, mais amplo e com melhores resultados.

London can take it apresenta-nos a capital inglesa sob um bombardeamento nocturno.

The Front Line fixa a vida da cidade de Dover, situada no Canal da Mancha, sob o fogo dos canhões inimigos instalados na costa francesa; e Neighbours under Fire, realizado na estância de repouso de Bermondsey, onde se refugiaram os sem-lar, constituem, pelo seu recorte típico, três magníficos exemplos do melhor sentido de propaganda do cinema britânico.

A «sétima arma» britânica está apta a «operar» em toda a parte...

António Lourenço



Rosalind Russell



Bonita Granville

Portugal

Vai produzir-se um filme americano, com acção em Lisboa

Saymon Nibenzahl, um dos mais categorizados produtores de filmes europeus, acaba de fundar, na América, uma firma que adoptou, para sua razão social, o nome de «Atlantic Productions Inc». O presidente deste novo consórcio é o conhecido banqueiro Martin Licht, que frequentemente tem estado ligado a assuntos de cinema.

Todos os filmes desta nova entidade produtora serão distribuídos pela «Columbia Pictures», a firma que nos deu *Não o levarás contigo e Peço a Palavra!* O primeiro filme do novo consórcio, que se intitula *American Consul*, é realizado sobre um argumento, da autoria de Henry Diamond Berger, que nos conta a vida agitada de um representante diplomático americano, que tem nas suas mãos o destino de sete refugiados. O principal papel masculino é desempenhado pelo actor Pat O'Brien.



Heddy Lamarr, que veremos em «Ziegfeld Girl»

no Cinema

LOBOS DA SERRA

Já se encontra em Lisboa, de regresso de Arcos de Val-de-Vez, a equipa de Jorge Brum do Canto, que se deslocou ao Minho, a fim de filmar os últimos exteriores da película «Lobos da Serra», que o mau tempo, durante algumas semanas, não permitiu concluir mais cedo e que forçou o realizador a recorrer a alguns dos anexos do estúdio do Lumiar para manivelar, nêles, várias cenas que deviam ser filmadas no Norte. Entre êles, aproveitou-se o pátio da Quinta das Conchas, que já tem servido de cenário a outros filmes portugueses, para quadro de acção de uma das mais empolgantes cenas de *Lobos da Serra*: uma violenta discussão entre o sargento Barata (Manuel Santos Carvalho) e o Joaquim (Carlos Manuel). Numa das seqüências, Maria Mesquita envergou o lindo vestido de noiva, de Viana, que esteve exposto na Exposição do Mundo Português, e que foi amavelmente cedido pelo Secretariado de Propaganda Nacional.

Quanto à data da sua estreia, só para fins de Setembro...

MUNDO GRÁFICO



A
R. A. F.
prossegue
a sua
formidável
ofensiva
sobre o Rhur